

5 Uma Nova Práxis Pastoral Metodista

Esta última etapa da pesquisa corresponde à fase *projetual* da metodologia utilizada. Pretende-se aqui estabelecer o caminho para uma práxis pastoral desejada para o metodismo carioca. Caminho calcado nos fundamentos da eclesiologia bonhoefferiana cristocêntrica, diaconal e koinônica.

As páginas anteriores desta pesquisa se ocuparam em analisar avaliativamente a práxis vigente no metodismo carioca. Uma vez descrito o quadro sócio-teológico-pastoral no qual se situa, o objeto material da análise foi interpretado criticamente pelo marco teórico subsidiado pelo pensamento eclesial de Dietrich Bonhoeffer. A sistematização desse pensamento possibilitaria a configuração de um modelo pastoral contextualizado para a Igreja Metodista na Cidade do Rio de Janeiro. Modelo esse que, ao mesmo tempo em que referenciaria a “ortodoxia wesleyana”, não prescindiria da percepção das formas que a religiosidade popular manifesta.

Conforme constatado pela pesquisa de campo, a práxis vigente das igrejas demonstra algumas influências neopentecostais, com forte impacto nos âmbitos teológico e litúrgico. Entretanto, uma nova práxis pretende ir além de uma varredura corretiva teológica ou preservação de um ritual cúltico. Pretende tocar no âmago da experiência eclesial como proposta eivada pelos doces aromas pneumatológicos. Se por um lado há um confronto notado entre duas concepções pastorais (a “carismática” e a “ortodoxa”), que estabelece uma manifestação eclesial em construção; por outro há que se levarem em consideração os novos caminhos pastorais prováveis que orientam a Igreja no desafio da contextualização e inculturação.

Dessa maneira, este capítulo final cumprirá três importantes tarefas. A primeira será a descrição dos imperativos (metas) pastorais, resultantes da normatização realizada no presente estudo, por onde o caminho da nova práxis se estabelecerá.

O cumprimento da outra tarefa consistirá na avaliação criteriológica dos imperativos levantados. Para tanto serão levantados os aspectos sociológicos que interpelam o estudo pastoral particular do metodismo carioca, por se tratar de uma realidade urbana, assim como os elementos teológico-pastorais que sustentarão a passagem para a proposta de uma nova práxis.

A terceira tarefa a ser cumprida será a construção propriamente dita do modelo eclesial compreendido, de acordo com o entendimento deste estudo, como o ideal para o metodismo carioca.

5.1. Imperativos Pastorais

De acordo com o que foi analisado, a pesquisa requisita alguns imperativos pastorais (metas) por meio dos quais o caminho para a nova práxis será pavimentado. Para que o metodismo carioca seja uma realidade eclesial cristocêntrica, diaconal e koinônica, tais dimensões inspiram a renovar-se reorientando sua “ortodoxia” e, ao mesmo tempo, contornando as distorções provocadas pelo neopentecostalismo.

Diante da normatização realizada no capítulo anterior, firma-se como imperativo ao metodismo carioca que reestabeleça a centralidade de Jesus Cristo, recupere a sua vocação diaconal e reestruture as relações koinônicas.

5.1.1. O Reestabelecimento da Centralidade de Jesus Cristo

Como primeira meta para uma nova práxis do metodismo carioca o estudo reconhece o reestabelecimento da centralidade de Cristo. Seria a reconfiguração da Igreja como *imago Christi* enfatizando a dimensão vicária, calcada na *kénosis* diante da possibilidade de sucumbência na tentação do messianismo de poder, em alinhamento ao que foi preconizado no capítulo anterior.

O princípio cristocêntrico proveniente da sistematização do pensamento eclesial de Bonhoeffer, realizado no terceiro capítulo, é compreendido neste estudo como o suporte que fundamentaria teologicamente a reorientação da “ortodoxia wesleyana”, assim como contornaria as distorções elencadas na práxis vigente no metodismo carioca, no que foi caracterizado como configuração eclesial em construção.

Constatado na fase descritiva desta tese, precisamente no momento *kairológico*, o campo teológico se evidencia vulnerável frente às influências de outros segmentos e movimentos religiosos, como o neopentecostalismo. A hermenêutica dos dados, recolhidos das amostras da pesquisa de campo no primeiro capítulo, permitiram concluir que há uma assunção da cosmovisão dualista, pelo imaginário coletivo das igrejas, que denota a tendência de exacerbada espiritualização das realidades concretas ou, fazendo uso da linguagem do Concílio do Vaticano II, das realidades terrestres³⁴⁰.

Lembrando-se da constatação feita pela pesquisa, esse ponto em particular se evidencia como aspecto de influência mesmo na igreja de representação “ortodoxa”. O percentual alto (pouco mais de 74% das pessoas consultadas do Total Geral)

³⁴⁰ Cf. *Gaudium et Spes*, capítulos I e II.

declararam que acreditam na existência da batalha espiritual, e pouco mais de 80% qualificaram as reuniões de oração como cultos de cura e libertação.

Nisto reside um grande desafio: desconstruir o imaginário dualista e espiritualizante no metodismo carioca na mentalidade dos seus membros. Contudo, é importante que não se desconsidere as experiências pneumatológicas autênticas (dentre elas as existentes no próprio “movimento carismático”) que afloram e contribuem para a construção de novas formas eclesiais.

Interessante que a interpretação dos dados coletados permitiu também a verificação da afirmação da crença no batismo com o Espírito Santo por praticamente todos os membros das igrejas (pouco mais de 96% assinalaram a opção correspondente ao assunto no questionário). Não foi possível, entretanto, intuir a respeito da maneira como essa crença é concebida. Porém, mesmo sendo um aspecto fundamental para o pentecostalismo, esse assentimento entre os metodistas cariocas pode ser objeto de algumas resignificações e direcionamentos pastorais. Esta pesquisa corrobora com a concepção de uma eclesiologia que se desenvolve, resultante do “sopro do Espírito”, sustentando-se em bases teológicas firmes. Nesse alicerce se apresenta como fundamental a cristologia.

Nesse sentido, apresenta-se como um imperativo pastoral a dedicação com a reflexão cristológica. Como confirmado na hermenêutica dos dados, especificamente pelas observações *in loco* das amostras, existe um deslocamento da pessoa de Cristo para um plano secundário e utilitário (*ex machina*), que soergue uma eclesiologia fundamentalmente antropocêntrica nas igrejas pesquisadas.

Antropocentrismo esse que se evidencia menos de forma consciente, visto que a opção da centralidade de Cristo na motivação para as celebrações cúlticas ter sido amplamente assinalada na pesquisa de campo (quase 88% responderam que a adoração a Cristo é a finalidade principal de busca nos cultos). Entretanto, o que pôde ser constatado *in loco* evidencia o contrário: o ser humano, em suas angústias e expectativas, se torna o foco nas reuniões litúrgicas.

A Igreja celebra o que acredita. Portanto, em relação ao aspecto litúrgico, apontado como aquele no qual as influências neopentecostais são mais evidentes, se impõe como imperativo também uma reforma que reinsira, de maneira consciente e contextualizada, a pessoa de Cristo no centro da devoção.

Outro desafio é o alinhamento da proposta cristocêntrica com a doutrina wesleyana. Como analisado na pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que grande parte dos membros das igrejas cariocas se mostra conhecedora parcial ou insuficiente

da ortodoxia (em torno de 66% das pessoas consultadas), por outro lado reconhece a sua importância para sua espiritualidade, tendo em vista que 64% demonstraram tal relevo.

Assim, como parte da meta do reestabelecimento da centralidade de Cristo para uma nova práxis, se mostra imperativo também o estabelecimento de uma estratégia pedagógica que ensine a Igreja, harmonizando o conteúdo doutrinário wesleyano com o postulado cristológico-cristocêntrico bonhoefferiano.

Conteúdo teológico-cristológico não se impõe. Teologia e cristologia se aprendem! É imperativo ao metodismo carioca que, em relação à *didaskalia*³⁴¹, contemple a transmissão do conteúdo da sua ortodoxia com a releitura cristológica dentro das áreas e espaços dedicados à educação teológica e cristã. Da catequese ao ensino mais aprofundado, deverão ser abordados os temas que conscientizem quanto à práxis vigente e motivem a nova práxis nas igrejas na Cidade do Rio de Janeiro. No entendimento desta pesquisa, uma mudança de mentalidade sem se fazer acompanhar por uma estratégia pedagógica é caminho para o insucesso da nova práxis.

A pedagogia deverá ser um aspecto importante e norteador que determinará a construção do caminho, não só para o reestabelecimento da centralidade de Cristo, mas para as metas seguintes baseadas na eclesiologia bonhoefferiana.

5.1.2. A Recuperação da Vocação Diaconal

Outro imperativo pastoral, com vistas à concretização de uma nova práxis no metodismo carioca, é a recuperação da sua vocação para o diaconia. Partindo das constatações feitas na pesquisa de campo, destaca-se um nível pequeno de consciência, interesse e envolvimento com problemas sociais, indicando o crescimento do intimismo da fé e do individualismo entre os membros das igrejas. Mais da metade das pessoas que responderam o questionário (em torno de 70%) afirmou envolver-se raramente ou nunca nos serviços e projetos sociais existentes.

A reinserção da centralidade de Cristo, sinalizado na liturgia, deve apontar também para sua manifestação vicária através do serviço *ad intra* e, de maneira efetiva, *ad extra*. Cristo é configurado pela Igreja como aquele que “veio para servir e

³⁴¹ Destacando os âmbitos da teologia prática a partir dos cinco conceitos teológicos básicos da Igreja Primitiva, a saber: *martyria*, *koinonia*, *leiturgia* e *diakonia*; Cassiano Floristán subdivide as funções de *martyria* em *kerigma*, dizendo respeito à prática evangelizadora, ou seja, relacionado ao anúncio da salvação; e em *didaskalia*, envolvendo a prática educativa da comunidade na transmissão do conteúdo da fé (catequese). Cf.: FLORISTÁN. *Teología Práctica. : teoría y praxis de la accion pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1991. P. 10.

não ser servido” (Mateus 20, 28). Como o que se cinge com a toalha, se reclina e lava os pés dos seus amigos. Como o que fixa como memorial de sua presença, seguindo a ênfase joanina, não apenas a dimensão simbólica da Eucaristia, mas a manifestação concreta do serviço e entrega através do lavapés (cf. João 13, 1-20).

A Igreja Metodista destaca a diaconia na sua “ortodoxia”. A própria organização eclesial se estrutura em ministérios, reforçando tal dimensão interna e externamente. Porém, na práxis vigente do metodismo carioca, as constatações realizadas denotam o imperativo pastoral da recuperação dessa dimensão, entendida neste estudo como vocação e missão.

Alguns desafios se apresentam nesse sentido. O primeiro é a articulação entre a espiritualidade e a ação social da Igreja. Há ainda uma tendência de estabelecer a dicotomia que separa de maneira estanque o que é “espiritual” e “não espiritual”, transferindo para uma esfera secundária os projetos e ações diaconais e privilegiando as práticas de devoção individual. Como passo importante a ser dado para a mudança da práxis intimista e individualista vigente é o desenvolvimento e cultivo de uma espiritualidade libertadora. Que conduza à encarnação e imersão da pessoa fiel nas causas comunitárias e sociais, de tal forma que se torne um aspecto constitutivo da devoção e mentalidade cristãs entre os membros das igrejas.

O segundo desafio é a apreensão do diaconia como missão pelas igrejas do metodismo carioca. Abraçá-lo como vocação implica na incorporação das propostas *ad intra* e *ad extra* no leque programático de ações dessas igrejas; lembrando tanto o que a “ortodoxia wesleyana” preconiza, como o que a exortação bonhoefferiana atesta: o sentido de ser Igreja é “estar-aí-para-outros”.

O terceiro desafio é evidenciar as necessidades *ad extra* das comunidades e torná-las fontes motivacionais para ações que sinalizem, de maneira concreta, a pessoa de Cristo. Em termos eclesiais (estruturais e administrativos), as igrejas deverão ser agências que devidamente analisem conjuntamente as comunidades em que estiverem inseridas, considerem os problemas e exerçam uma práxis libertadora.

Importa que a vida cúltrica e celebrativa (liturgia) não seja compreendida, tão somente, como atos confinados aos espaços eclesiais. Uma vez reestabelecida a centralidade de Cristo, a sua adoração de refletirá na diaconia expressado pela comunidade de fé na qual se apresenta configurado vicariamente. Essa compreensão requer um trabalho pedagógico de conscientização que despertará criticamente os membros das igrejas a preservarem a unidade, no vínculo da paz, com vistas ao

diaconato. Por meio dessa motivação as igrejas se constituiriam em espaços de comunhão, compreendida como outra meta pastoral neste estudo.

5.1.3. A Reestruturação das Relações Koinônicas

O referido crescimento do intimismo e individualismo foi uma conclusão que se chegou na interpretação dos dados da pesquisa de campo. Tanto pela falta de comprometimento das pessoas consultadas com causas comunitárias e sociais (conforme referenciado), como no envolvimento das igrejas com projetos e atividades interdenominacionais ou ecumênicos (51% responderam que esporadicamente suas igrejas realizam atividades e projetos com outras comunidades), verificou-se uma lacuna no que se refere à experiência comunitária no metodismo carioca. Dessa maneira, é imperativa também a reestruturação das relações koinônicas.

Como afirmado anteriormente, seguindo a inspiração da eclesiologia bonhoefferiana, a koinonia é a consubstanciação da manifestação cristocêntrica vicária (diaconal) da Igreja. O Cristo servo é o que se manifesta dentro e como comunidade; sendo o fundamento e motivação para a práxis diaconal, que vence as barreiras do individualismo e contempla o outro como verdadeiro meio de graça para libertação. Não há experiências soteriológicas desvinculadas da experiência eclesial centrada na pessoa de Cristo, manifestada pela *sanctorum communio*.

Para que o metodismo carioca inicie uma nova práxis é importante que o reestabelecimento do cristocentrismo e a recuperação da vocação diaconal desemboquem na reestruturação das relações koinônicas. Essa é uma dimensão contemplada pela “ortodoxia wesleyana” na qual a leitura pastoral, subsidiada pelo pensamento eclesial bonhoefferiano, contribui para um novo caminhar da ação pastoral.

Interessante e ao mesmo tempo surpreendente foi a concepção abraçada sobre os pequenos grupos de discipulado. Nenhuma igreja da amostragem, na pesquisa de campo, entendeu o crescimento numérico como o propósito primordial desses grupos, e sim como espaços de comunhão e aprendizado, com destaque para os 63% que conceberam como organismo de potencial koinônico, ou seja, um pouco mais que os 40% que indicaram como oportunos para ensinar a doutrina da Igreja Metodista. Portanto, a própria recepção desse método indica uma forma possível de reestruturação das relações koinônicas.

Em atendimento a esse imperativo pastoral, na forma de *ecclesiolas in ecclesia*, poderá ser enfatizada a organização de pequenos grupos para o acolhimento, inserção na comunidade de fé e integração com a dinâmica das igrejas por meio da centralidade nas Sagradas Escrituras.

Outra iniciativa nesse sentido será a reformulação litúrgica. O reestabelecimento da centralidade de Cristo nos cultos terá a sua manifestação concreta também na forma com que a comunidade celebra. Sem prejuízos aos aspectos essenciais da “ortodoxia wesleyana”, os momentos cúlticos poderão ser ocasiões oportunas para as expressões pneumatológicas, partilha da fé, aprendizado da palavra, serviço e comunhão. Fundamental seria, nesse ponto, o diálogo entre a “ortodoxia” e a religiosidade popular, assim como com as formas autênticas de espiritualidade, como a “carismática”, manifestadas no seio da comunidade de fé. Constituir-se-ia em um grande desafio pastoral a incorporação de tais elementos, sem a perda da essência doutrinária wesleyana e, muito menos, sem que houvesse uma inclinação para a alienação social.

Contudo, a lacuna koinônica não seria de todo preenchida somente com a constituição das *ecclesiolas* e a reformulação litúrgica. Há ainda, de maneira *ad extra*, um problema koinônico identificado no fechamento para o diálogo com outras tradições eclesiais. Uma Igreja koinônica é, pois, uma comunidade que entende o princípio ecumênico da unidade na diversidade como essencial. Vive uma espiritualidade aberta, promove sua autocrítica e firma parcerias com outras experiências eclesiais para a evangelização no mundo atual. Essa abertura ao diálogo ecumênico deverá constar como basilar ao metodismo carioca na passagem para uma nova práxis.

Considerados tais imperativos, a pesquisa avança cumprindo a segunda tarefa neste último capítulo avaliando-os na perspectiva sociológica, bem como teológico-pastoralmente.

5.2. Avaliação Criteriológica

A passagem para uma nova práxis pastoral implica em percorrer o caminho de uma reforma. Não se trata necessariamente de mudanças estatutárias, na forma de governo ou mesmo doutrinárias que é abordado aqui. Trata-se da mudança de mentalidade, na forma de sentir-se Igreja que redunde em ações correspondentes aos

novos propósitos abraçados. Inicia com a difusão do ideário reformista, resultante da inconformidade com determinadas posturas pastorais. Segundo Paul Zulehner,

As ideias reformistas são projetadas por indivíduos. O caminho que leva desde o início até à reforma de uma organização (seja de um conselho paroquial, uma igreja local, da igreja universal) é longo. Para continuar nesta direção é necessário difundir a ideia de reforma na organização e sustentá-la. Quando um número bastante grande de pessoas está de acordo, nasce um movimento de reforma³⁴².

Por esse motivo, as metas que foram lançadas pretendem confirmar o princípio basilar da *Ecclesia semper reformanda*. Frente a desafios, pelo sopro do Espírito, busca-se um jeito de ser Igreja adequado ao momento atual em que se encontra imersa. Refletindo pastoralmente, é constatada no metodismo carioca uma gama variada de desafios teológico-pastorais que, embora não sejam exclusivos desse ramo específico e particular do Cristianismo, interpelam de maneira frontal esse segmento.

João Batista Libânio, contribuindo para uma avaliação crítica e prospectiva da Teologia da Libertação, elencou alguns desses desafios/tarefas fundamentalmente pastorais: a opção pelos excluídos; o enfrentamento da globalização; o empenho na criação de um novo paradigma cultural; a recuperação do frescor evangélico do Jesus palestinese; a reflexão a respeito de uma renovação litúrgica popular; a estruturação da Igreja em CEBs e em rede de comunidades; a purificação da linguagem teológica do pré-modernismo; a busca dos canais jurídicos para a incorporação e cumprimento das opções do Vaticano II e de Medellín; e a consideração da pastoral familiar nos moldes plurais³⁴³.

Alguns desses desafios pontuados por Libânio serão retomados ao longo desta etapa da pesquisa. Compete, todavia, observar que eles requisitam um olhar envolvido e comprometido para a reforma que se constituirá numa nova práxis pastoral. As razões para o envolvimento e comprometimento do metodismo com esses desafios já foram levantadas. São as motivações que ordenaram os imperativos pastorais, passivos da leitura teológica que segue a criteriologia eclesiológica bonhoefferiana.

Caberá neste momento, portanto, o levantamento de alguns aspectos sociológicos e a avaliação teológico-pastoral que aponte para uma nova possibilidade eclesial dentro do metodismo. O que se pretende buscar são alguns pilares que

³⁴² In: ZULEHNER, Paul M. *Teologia Pastoral: vol. 1. Pastorale Fondamentale: La Chiesa fra compito e attesa*. Brescia: Queriniana, 1992. P. 270.

³⁴³ LIBÂNIO, João Batista. *Novos desafios e tarefas para a teologia na América Latina e Caribe*. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs). *A teologia da libertação em prospectiva*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013. P. 277-312.

ajudarão a sustentar a proposta de uma nova experiência eclesial em que o *crisocentrismo*, *diaconato* e *koinonia* integrem de forma ontológica as áreas que serão destacadas. Esses pilares serão, sobretudo, a chave hermenêutica para a realização da reforma rumo à outra práxis, tratando-se dos critérios racionais que a pesquisa necessita nesta fase.

No campo da sociologia serão elencados alguns aspectos desafiadores que correspondem à realidade urbana, contexto no qual o objeto material de estudo desta tese se situa e, portanto, o interpela de forma peculiar. Tratar-se-á brevemente da nova dinâmica das cidades, da redefinição do conceito de urbanidade, das formas atuais de agrupamento social e religioso, findando com as interpelações propriamente dita sobre a ação pastoral eclesial metodista.

O andamento desta pesquisa demanda que os critérios também se baseiem em algumas reflexões de cunho teológico. A primeira diz respeito à cristologia. Visto que a nova práxis exige o reestabelecimento da centralidade de Cristo em termos doutrinários e na prática litúrgica no metodismo carioca, se apresenta imprescindível a retomada da cristologia bonhoefferiana em perspectiva pastoral, assim como das postulações dentro da “ortodoxia wesleyana” para maior fundamentação do aspecto *crisocêntrico*. Importante é que essas mesmas postulações sejam ventiladas pelas discussões contemporâneas sobre o tema, situando a reflexão de forma contextualizada.

Outra reflexão gira em torno da práxis cristã. Evidencia-se de maneira intensa que se aprofunde teologicamente a maneira como a ação pastoral pode ser exercida pelo metodismo carioca. Incluso à prática *diaconal* está a ponderação sobre o sujeito da práxis, o ferramental utilizado e a perspectiva que se pretende seguir.

A terceira reflexão é eclesiológica. Ao propor um modelo pastoral *koinônico* resvala-se em possibilidades visíveis e vislumbráveis de uma nova configuração eclesial. Portanto, é necessário fundamentar eclesiologicamente a ideia de uma igreja como lugar de comunhão, unidade e diálogo. Como espaço para o cultivo de experiências espirituais, testemunho e solidariedade.

Os aspectos sociológicos e as reflexões teológicas são o que a pesquisa passará a tratar.

5.2.1. Aspectos Sociológicos

O que a presente pesquisa analisa é, pois, uma realidade pastoral inserida em uma cidade com grande relevância histórica, que é a cidade do Rio de Janeiro. Por essa razão há algumas considerações, observações e critérios no campo sociológico que se impõem como necessários para o desenvolvimento de uma nova práxis almejada para o objeto material deste estudo.

A seleção de igrejas para as amostras da pesquisa de campo (localizadas nos bairros de Vila Isabel, Cascadura e Rio da Prata) decorreu, propositalmente, pelo fato de estarem inseridas na conjuntura urbana e suburbana da cidade do Rio de Janeiro. No entendimento desta tese, a realidade de tais contextos determina e corresponde ao perfil do/da cidadão/ã carioca. Consequentemente, as comunidades eclesiais aí implantadas se configuram com as peculiaridades culturais dessa parte da urbe.

Inicialmente cabe entender no que importam as cidades no mundo atual. Hoje as cidades se destacam cada vez mais como protagonistas no cenário político, econômico e social, uma vez notado o enfraquecimento das influências dos Estados. Elas são os atores coletivos, complexos e multifacetados que favorecem muito mais os intercâmbios econômicos em detrimento das relações que primam pela proximidade física.³⁴⁴

As metrópoles se formam na atualidade fundamentalmente pela força monetária, trazendo à pauta para discussão uma série de questões e desafios. Provocam alguns efeitos que incidem diretamente sobre o indivíduo urbano e suas relações sociais, ou, sobre o urbano e a urbanidade. Geograficamente, o contexto urbano diz respeito ao ambiente das cidades, consideradas em geral contrapostas ao ambiente do campo, ao rural. Traço característico desse contexto são os espaços públicos, nos quais os indivíduos se encontram anonimamente provenientes de etnias, religiões e classes sociais distintas.³⁴⁵

³⁴⁴ CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. *As cidades como atores políticos*. In: Revista Novos Estudos, n. 45, São Paulo, CEBRAP, julho de 1996. Apud: CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma fé cidadã: a dimensão pública da Igreja. Fundamentos para uma pastoral da cidadania*. São Bernardo do Campo: UMESP/São Paulo: Loyola, 2000. P. 79. Cf. também: CASTELLS, Manuel. *Cidade, democracia e socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1989; e VELTZ, Pierre. *Tempos da economia, tempo da cidade: as dinâmicas*. In: ACSERALD, Henri (Org.). *A duração das cidades: sustentabilidade e riscos nas políticas urbanas. Coleção espaços do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: DP&A/CREA-RJ, 2001. P. 139-154.

³⁴⁵ BARBOSA, Ana Carolina de M. A.; CASTILLO, Leonardo Augusto Gómez; DANTAS, Ney Brito. *O produto do espaço urbano*. Disponível em: <http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/o-produto-do-espaco-urbano/>. (visitado em 02/02/2014). Cf. também: COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 11-15. COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.

Outro traço peculiar é o da mobilidade, ou seja, o da dinâmica contingencial que obriga as pessoas a se movimentarem com frequência entre os ambientes de moradia, trabalho e lazer. Que também se manifesta de maneira simbólica, em relação a valores e compreensões fundamentais da vida, articulada a temporalidade, volatilidade, descartabilidade, consumo e fruição.³⁴⁶

Tais aspectos constituem uma mentalidade urbana, a urbanidade. Nela figura o conceito de espaço, atrelado à expansão das cidades que distancia as relações humanas e, ao mesmo tempo e paradoxalmente, compele à redução espacial pela aglutinação setORIZADA e organizada fundamentalmente pela determinação da classe social.³⁴⁷

Dentro da mentalidade urbana também figura a noção de tempo, marcada pela aceleração dos ritmos acarretando na dificuldade de articulação do presente com o futuro e na “acentuação da descartabilidade de tudo que diz respeito à vida humana, tanto individual quanto social”.³⁴⁸

Por outro lado, Vinicius M. Netto, refletindo a respeito, propõe o estabelecimento de um *ethos* que gerencie as relações dos indivíduos que integram as cidades.

A cidade oferece as condições tanto da *recursividade* comunicativa, base funcional para a reprodução material e para a conservação de laços e continuidade de campos sociais, quanto da *randomicidade* do encontro e da geração de novas comunicações e relações sociais, base para a transformação constante do social e para a vitalidade da sua própria reprodução. Seus espaços são produzidos para a injeção de novas agências nas trocas sociais e microeconômicas que definem a cidade como cenário da vida.³⁴⁹

Esse *ethos* auxilia a superação da centralidade do indivíduo sobre as dimensões comunitárias e sociais³⁵⁰. Embora exista a tendência de livre escolha quanto à pertença a esse ou àquele grupo e opções ideológicas³⁵¹, persiste a necessidade constitutiva do indivíduo de integrar-se e interagir com pessoas em seu meio. O ser humano é incapaz de viver sem se comunicar e, muito menos, sem redes

³⁴⁶ AMADO, Joel Portella. *Leituras urbanas da criação*. In: MULLER, Ivo (org.). *Perspectivas para uma nova Teologia da Criação*. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 228-244. P. 229.

³⁴⁷ AMADO, Joel Portella. *Leituras urbanas da criação*. P.230

³⁴⁸ AMADO, Joel Portella. *Leituras urbanas da criação*. P. 231-232

³⁴⁹ Netto, Vinicius M. *A urbanidade como devir do urbano*. Artigo apresentado no Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 29 de novembro a 03 de dezembro de 2010. P. 13.

³⁵⁰ LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001. P. 54.

³⁵¹ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. P.12

de sociabilidade. Não se deve prescindir que “a comunicação, ao mesmo tempo verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si”³⁵².

Michel Maffesoli confirma essa premissa ao apresentar as novas formas de sociabilidade em que predominam os aspectos afetivo, emocional e relacionado ao espetáculo. O fenômeno de tais agrupamentos é denominado como *neotribalismo*. O estar junto independe de qualquer finalidade específica, ocorrendo de forma aleatória, pontual e fluída. Com a mesma rapidez que esses agrupamentos se condensam também se dispersam. Entretanto, apesar da ausência de uma intencionalidade política, curiosamente esses grupos estabelecem ritos identitários e unidade que demarcam suas distinções.

Segundo Maffesoli, esse fenômeno “remete a uma ambiência, a um estado de espírito, manifesta-se, de preferência, através dos estilos de vida que vão privilegiar a aparência e a forma”³⁵³. Figura essencialmente desvinculado de qualquer iniciativa ou organização institucionalizada.

Nesse sentido, o âmbito religioso sofre um impacto importante. Enquanto dimensão institucional da fé, a religião é substituída pela religiosidade. Há menos procura por espaços de doutrinação e mais por ambientes propiciadores de experiências sensoriais e espetaculares. Mesmo que reúnam pessoas sob algum tipo de afinidade, o que sobressairá é o momento benfazejo que a reunião religiosa viabilizou. Em parte explica-se o florescimento diversificado de espaços dedicados à experiência religiosa. Essa pluralidade religiosa também configura os espaços urbanos onde cada vez menos se pode afirmar a presença hegemônica de algum grupo ou instituição específica.

Além desses aspectos, o contexto urbano também apresenta algumas características dignas de nota. O sistema capitalista que move as cidades gerou e se sustenta pela sociedade de consumo. Por seu turno, o sistema político e econômico vigente mantém a cultura de consumo³⁵⁴, compreendida como mentalidade que determina as expectativas, influencia relações e acaba por configurar a identidade da pessoa inserida no sistema.

Ao redor da cultura de consumo estão a lógica e os princípios que regem o mundo das mercadorias, sejam elas materiais ou simbólicas. Elas são sinais que comunicarão quem será quem nas relações interpessoais. Dentro dessa lógica, o ter é

³⁵² MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P.139.

³⁵³ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. P. 167.

³⁵⁴ SUNG, Jung Mo. *Sementes de Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 32-34.

praticamente sinônimo de ser. Assim, sou identificado ou diferenciado conforme lugar em que estiver situado na escala social: se na classe alta, esbanjando bens de consumo; se na classe média, ansiando por alcançar tais bens; se na classe pobre, sonhado em melhorar a vida para adquirir mercadorias melhores.

Calcada no individualismo, a mentalidade consumista é o critério de discernimento para avaliar se uma vida é bem-sucedida, feliz ou decadente. Ela perpassará todos os meandros da sociedade, invadindo inclusive o campo religioso. É interessante notar que cada vez menos atende aos anseios espirituais dos indivíduos formas de espiritualidade comunitária, ascética ou de apelo à simplicidade e à modéstia. Cada vez mais proliferam religiosidades “menos exigentes”, mais simples, menos racionais e mais sensoriais. Praticamente segue constituindo-se uma nova forma de religiosidade contemporânea, tipicamente neoliberal, reflexo dessa cultura de consumo. Essa religiosidade apresenta como mensagem soteriológica a felicidade/prosperidade, em outros termos, a bênção do mercado³⁵⁵.

Uma característica dessa cultura é a ausência de padrões de consumo. Ela gera uma verdadeira compulsão por obtenção de bens. Na medida em que corro visando alcançar um bem, a linha de chegada avança e sou forçado a correr seguir consumindo mais. Sou seduzido pelos cinco sentidos e estimulado a despertar necessidades que antes não achava que possuía. E se perco a capacidade monetária para continuar correndo?

Na cultura de consumo, quem não consegue correr é consumidor falho. É o excluído do jogo, o marginal cuja presença e convívio são incômodos. Dessa maneira, a sociedade se torna um arquipélago em que cada indivíduo situado em sua classe forma sua própria ilha. Muitas vezes, em nome de sua autopreservação, protegido em sua fortaleza, arvorando para si o direito à liberdade de consumir o gozo do bem-estar, se torna prisioneiro em seu próprio universo.

A exclusão social é o resultado da lógica perversa do mercado. Quem seriam os excluídos? Dom Luciano Mendes de Almeida, às vésperas das eleições presidenciais brasileiras, em julho de 1994, comentava preocupadamente tratem-se daqueles/as sem significação social, o *non sense*, como diria Wittgenstein. São o

³⁵⁵ Um bom ensaio crítico é encontrado sobre a teologia da prosperidade pode ser encontrado em: PIEDRA, Arturo. *Teologia da graça e teologia da prosperidade: a tentativa inacabada da concretização da fé cristã*. In: BATISTA, Israel (Org.). *Graça, cruz e esperança na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2005. P121-154.

produto direto dos níveis crescentes de desemprego, do arrocho salarial como medida para controle da inflação e a falência de empresas endividadas e obsoletas³⁵⁶.

Como consequência, a situação de exclusão renomeia o conceito de pobreza. Nesse contexto, o desprovido posto à margem não é necessariamente o que integra a classe social dos pobres. Conforme a lógica do mercado, de acordo com a cultura de consumo, estes têm acesso aos bens mesmo que em menor quantidade e maior dificuldade. A pessoa excluída está abaixo do que é estabelecido como classe inferior. É aquele/a em estado de total desprovemento, de total anulação, sem acesso inclusive aos meios imprescindíveis de cidadania como educação, moradia, saúde e segurança.

Ao lado da exclusão social, também como uma das consequências dos custos sociais devidos ao sistema econômico e político, está a realidade da violência, sobretudo nas metrópoles latino americanas. Muito embora seja reducionista associá-la tão somente com a exclusão e outros problemas sociais, há sim uma relação cujos dados estatísticos reforçam essa associação.³⁵⁷

Somente no Brasil, no ano 2000, morreram 45. 233 pessoas assassinadas, significando 27 homicídios dolosos para cada 100.000 habitantes. Aprofundando a verificação da incidência desses homicídios nas áreas urbanas mais pobres, constatou-se que na mesma relação subia para 230 homicídios dolosos para cada 100.000 habitantes, sendo a maioria das vítimas jovens entre 15 a 24 anos, sobretudo negros.

358

Ponderando a partir dos dados da pesquisa realizada nas igrejas metodistas da cidade do Rio, esse grupo etário corresponde a 30% das pessoas consultadas. Um dado relevante para ações pastorais em atendimento a essa parcela considerável de membros comungantes dessas comunidades e, portanto, integrantes e passivas diante do mapa da violência urbana.

³⁵⁶ ALMEIDA, Don Luciano Mendes; TAVARES, Maria da Conceição. *Os excluídos: debate entre os autores*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/CERIS, 1995. P.14.

³⁵⁷ Digno de nota aqui é lembrar a não exclusividade da realidade da violência nas camadas mais pobres da população urbana. Há algum tempo recebe-se pela mídia informações de mortes e brigas nas saídas de boates, assassinatos e agressões gratuitas a trabalhadores por parte de pessoas provenientes da classe média e rica. Dois exemplos podem ser destacados: a morte do índio Galdino em Brasília há dez anos, confundido com um morador de rua; e a agressão contra uma empregada doméstica em um ponto de ônibus no Bairro da Barra da Tijuca há três anos, confundida com uma prostituta. Ambas as ações foram perpetradas por rapazes das classes média e alta.

³⁵⁸ Cf. SOCIAL WATCH: informe 2004. *Miedos y misérias: obstáculos a la seguridad humana*. P. 142.

Geralmente nas periferias e favelas dos grandes centros urbanos (incluindo o Rio de Janeiro) esses dados afloram por serem contextos em que a lógica do mercado, aliada à mentalidade de consumo, deparam-se como possibilidade de inserção nessa engrenagem o tráfico de drogas dominado por facções criminosas. Quem e o que alimenta o tráfico?

Se de um lado, na relação comerciante e consumidor, há o morador da classe média e alta que procura, de outro existe toda dinâmica comercial, desde o fornecedor, passando pelo distribuidor até chegar às mãos de quem consome. Essa dinâmica é sustentada por estruturas que também vendem o sonho do bem-estar daqueles/as que são arregimentados/as, frequentemente menores de idade, que posteriormente serão também vitimadas em confrontos com a polícia ou em “guerras” contra facções rivais, como é o caso nas favelas e bairros empobrecidos da cidade do Rio de Janeiro.³⁵⁹

Teologicamente a realidade sócio-econômica das cidades deve ser refletida com fins de alcance e transformação. Pastoralmente, os aspectos elencados convidam o metodismo carioca a exercer uma nova práxis atenta à realidade e desafios urbanos em que se insere.³⁶⁰

É desafiador para a nova práxis pastoral metodista que se leve em conta, em primeiro lugar, as consequências da mentalidade urbana sobre os indivíduos. Mesmo sendo espaços públicos de confluência anônima de pessoas, a dinâmica em si do encontro lança o repto de buscar a construção de vínculos relacionais menos superficiais. Seria a tentativa de superar o que geralmente ocorre nas igrejas, que tendem reproduzir o mesmo comportamento aglomerando pessoas nos espaços destinados ao culto com pouca ênfase ao aspecto koinônico.

As observações *in loco* de caráter litúrgico das igrejas cariocas, sobretudo nas de orientação declaradamente “carismáticas” conduzem a que esse se abraça tal desafio, articulando a espiritualidade com o rompimento das práticas devocionais

³⁵⁹ “Em 1979 houve 92 homicídios de jovens de menos de 18 anos na cidade, uma taxa de 5,4 por 100.000. Oitenta e um desses homicídios foram causados por armas de fogo, ou seja, 4,4 por 100.000. Os homicídios de menores tiveram um pico 1998, de 364 mortes, ou seja, 21,2 por 100.000. Desses, 276, ou 75,8, foram provocados por armas de fogo, dando um índice de 15,7 por 100.000. Em 2000, foram 352 homicídios de menores de 18 anos na cidade, ou seja, 23 por 100.000, sendo 307 (87,2%) provocadas por armas de fogo, isto é, 17,5 por 100.000”. Cf. DOWDNEY, Luke. *Crianças do Tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2003. P. 169.

³⁶⁰ Em relação aos desafios para uma pastoral urbana: ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

individualistas, utilitárias (influência do consumismo sobre a prática litúrgica) e alienantes da realidade social.

O outro desafio é suscitado pelo mencionado fenômeno do *neotribalismo*. A nova práxis pastoral do metodismo carioca deve ser interpelada para essas formas de sociabilidade, atentando para a dimensão existencial da afetividade que anela os vínculos interpessoais, uma vez que na pesquisa de campo (conforme já citado) foi verificado certo crescimento do intimismo e individualismo entre os membros das igrejas da cidade do Rio de Janeiro. Novamente o aspecto koinônico deve ser tangenciado, conduzindo a práxis metodista a repensar sua liturgia e organização eclesial.

Em relação ao individualismo desponta ainda mais um desafio. Importante ressaltar que, se por um lado o anonimato é um traço característico da urbanidade, verdade também é a liberdade individual praticamente sacralizada que, somada à mentalidade calcada na descartabilidade, fortalece a cultura de consumo. Para a consolidação de uma nova práxis confere ao metodismo carioca a tarefa de construir uma concepção solidária de sociedade, em que os valores do Reino de Deus se cumprem, lembrando mais uma vez que outro dado levantado na pesquisa realizada nas igrejas cariocas fora o mínimo nível de interesse e envolvimento com causas e projetos sociais.

Importante foi o pequeno percentual de membros das igrejas analisadas (pouco mais de 6%), que confessaram a prosperidade material como motivação para a participação nos cultos. Denota-se com isso certa resistência e, quiçá, rejeição à influência particular desse aspecto sobre a espiritualidade dos metodistas. Todavia, há quem abrace tal concepção. No entanto, existe uma possibilidade pastoral para gerar vínculos comunitários e solidários a partir da vida cúllica dos membros das igrejas cariocas.

Finalmente, a realidade da exclusão social adicionada ao da violência urbana também interpela a ação pastoral metodista na cidade do Rio de Janeiro. Há um papel, não só terapêutico-espiritual por meio das celebrações, mas diaconal e conscientizador a ser desempenhado pelas igrejas na direção da assistência efetiva aos não contemplados e vítimas do sistema injusto que impera no meio urbano. A constelação eclesial e religiosa existente no contexto das cidades, essa pluralidade, requer atuações proféticas transformadoras da conjuntura social partilhadas, concreta e significativamente ecumênicas. Seria uma resposta corretiva ao citado fechamento

para o diálogo e ações com outras tradições eclesiais constatado nas amostras da pesquisa.

Agregadas aos desafios impostos pela conjuntura apresentada, o momento criteriológico prossegue pontuando algumas reflexões de cunho teológico que auxiliarão a passagem para a práxis desejada.

5.2.2. Reflexão Cristológica

A correção do deslocamento da pessoa de Jesus Cristo, restabelecendo o seu lugar central no culto e no fundamento eclesial, é constitutivo para o exercício de uma nova práxis nas igrejas metodistas cariocas. É fundamental, para a mudança de mentalidade pastoral, não preservar o antropocentrismo indicado nas páginas anteriores deste estudo, especialmente na pesquisa de campo realizada.

Da mesma forma, concorde ao que foi estudado anteriormente e com o entendimento desta tese, é preciso caminhar também além de uma cristologia pensada em perspectiva soteriológica (como refletida pela “ortodoxia wesleyana”). Retomando Bonhoeffer, em seu trabalho cristológico específico, é observado que “Jesus está presente como a Palavra e na Palavra, como sacramento e no sacramento, também como comunidade e na comunidade”³⁶¹.

Oficialmente a Igreja Metodista demonstra-se inquieta ou, pelo menos, interpelada em relação à *imago Christi*. A publicação no site da Primeira Região Eclesiástica de um texto de Julio de Santa Ana em 10/12/2013, onde tal assunto é refletido, pode ser uma evidência da tentativa de estabelecer um modelo pastoral fundamentado na cristologia, nos termos acima assinalados³⁶².

Inspirado pela *Ética* de Bonhoeffer, o autor enfatiza o desafio da Igreja em tomar a forma de Cristo. Conclui apontando como consequência da admissão da configuração da pessoa de Cristo a exigência de “levar muito em conta as esperanças de mudança social que se expressam na prática dos pobres, pois são elas que apontam

³⁶¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Christology*. London: Collins, 1966. P. 59. A obra citada é a publicação póstuma da compilação das aulas ministradas por Bonhoeffer no curso sobre cristologia, na Universidade de Berlim, em 1933.

³⁶² Disponível em: <http://re.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=2203> (visitado em 24/01/2014). Esse artigo consta como quarto capítulo in: SANTA ANA, Julio de. *Pelas trilhas do mundo, a caminho do Reino*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

as mediações históricas através das quais se mostra a presença do Reino entre nós.”

363

Chama a atenção o fato de essa publicação ter sido disponibilizada na *web*. Ao que parece, dentro da concepção pastoral “ortodoxa” no metodismo carioca, há um convite amplo e público à reflexão sobre a necessidade da reinserção da centralidade de Cristo pelo metodismo. Reinserção esta que incide concretamente na eclesiologia e presença eclesial na sociedade.

Segundo Jurgen Moltmann, a cristologia é tema essencial para o estudo teológico. Em se tratando de uma proposta pastoral, requer-se abraçar a teologia da cruz.

Fazer hoje teologia da cruz implica superar a preocupação pela salvação pessoal, perguntando pela libertação do Homem e sua nova relação com a realidade dos inextricáveis círculos na sua sociedade... Significa levar a sério a teologia reformada em suas exigências crítico-reformadoras, fazendo com que superem a crítica à Igreja para converter-se na crítica à sociedade.³⁶⁴

Como tarefa teológica, Moltmann propõe que se leve a sério a “cruz da realidade” em oposição ao caráter abstrato da dor, alvo da hermenêutica clássica. Tal proposta se converte ao que ele denomina por “teologia do crucificado”³⁶⁵. Um pensamento que sustenta o imperativo e desafio *kenótico* a ser alcançado e abraçado pela Igreja hoje no culto que se celebra (*leiturgia*), bem como pelo conteúdo que se transmite através da sua prática educativa (*didaskalia*).

Afirmar liturgicamente a importância do crucificado provoca o regresso aos fundamentos que amparam e orientam as celebrações cúlticas, cabendo aqui uma breve observação. Tal importância significa reenfatar a relevância da vicariedade de Jesus para a atualidade eclesial, verificada como ausente no metodismo carioca. Isso jamais a despeito do sentido teológico da ressurreição.

O caminho que se pretende trilhar é o indicado por Alfonso Garcia Rúbio, onde o convite é adotar uma postura que não eleja o sofrimento da cruz, como condição para a espiritualidade, dissociada da vida de Jesus. Somente em conexão com o ministério terreno de Cristo é que se compreende o sentido teológico do Gólgota. Deus se revela na cruz de Jesus como um “Deus-Agape que se faz homem e homem servidor”, bem como solidário com o sofrimento humano ao assumi-lo.³⁶⁶

³⁶³ SANTA ANA, Julio de. *Pelas trilhas do mundo, a caminho do Reino*.

³⁶⁴ MOLTMANN, Jurgen. *El Dios Crucificado*. Salamanca: Sígueme, 1975. P.13.

³⁶⁵ MOLTMANN, Jurgen. *El Dios Crucificado*. P.14.

³⁶⁶ RÚBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994. P 91-92.

Por outro lado, inseparável da revelação de Deus na cruz de Jesus é a Sua revelação na ressurreição, evidenciando-O como Senhor da vida. O poder sobre a morte demonstra tanto a vitória sobre o caos (primeira criação), como sobre a crucificação de Jesus, resultado do mal e da injustiça.³⁶⁷ Esses são os princípios que objetivamente devem direcionar as celebrações cúlticas.

J.J. von Allmen aponta para dois fundamentos cristológicos para o culto cristão, circunscritos à anamnese:

... A adoração terrena que Jesus Cristo ofereceu desde o Seu nascimento até a Sua morte, e que os evangelhos sinóticos apresentam numa estrutura que deve ser comemorada pelo culto da Igreja, torna-se, enquanto os cristãos aguardam a liturgia eterna do Reino, a base de um duplo culto, a saber: primeiro, a oferta celeste de Cristo, prolongamento e desabrochamento do ministério de Jesus em Jerusalém, e, segundo, a adoração da Igreja na terra, recapitulação do ministério de Jesus tanto na Galileia como em Jerusalém³⁶⁸.

Cultuar em perspectiva cristã é, portanto, ato de recapitulação, atualização e anúncio da fé em Jesus Cristo. É a oportunidade, segundo Nelson Kirst, de a comunidade responder “a palavra e o gesto de Deus dirigidos a nós”³⁶⁹. Sendo a manifestação concreta e definitiva da palavra e gesto divinos a encarnação em Jesus Cristo. É o encontro de Deus com a comunidade reunida que se realizará de variadas formas, correspondendo à diversidade de tradições existentes³⁷⁰.

Seguindo a mesma concepção de culto e sua fundamentação cristológica, o *Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista* afirma:

Recebemos a vida de Deus e a ofertamos novamente a Deus. A celebração da vida por meio de Jesus Cristo se torna visível no seu início pelo batismo e sua continuidade através da Proclamação da Palavra e da Ceia do Senhor, que são atos centrais do culto e nele celebramos a vitória do Reino de Deus sobre as forças do mal e da morte³⁷¹.

Todavia, celebrar a memória, ou recapitular a história da salvação em Jesus e atualizá-la no culto, integra o leque de ações mistagógicas da Igreja. Requer a atenção ao conteúdo da fé transmitido de geração em geração, tendo em seu cerne a imagem do Crucificado e Ressuscitado. Ensinar o conteúdo da fé é tarefa catequética e

³⁶⁷ RÚBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. P.105

³⁶⁸ ALLMEN, J.J. Von. *O Culto Cristão*. São Paulo: ASTE, 1968. P.25. Apud: KIRST, Nelson. *Liturgia*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. P. 119-142.

³⁶⁹ KIRST, Nelson. *Liturgia*. P.134.

³⁷⁰ KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje. Série Colmeia, Fascículo 1*. São Leopoldo: Sinodal, 2000. P.11.

³⁷¹ IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*. P. 19.

teológica, razão pela qual as diretrizes pedagógicas da Igreja devem convergir para a centralidade de Cristo e apresentarem-se firmemente baseadas na cristologia.

Em termos pedagógicos, a Igreja Metodista procura caminhar fundamentada dessa forma. Em *Diretrizes e Bases para a Educação*, após cuidadoso e consistente levantamento da realidade e serviço oferecido pelo sistema de ensino da Igreja, a ênfase cristológica é conferida inicialmente na lista de providências que é proposta no documento:

A partir destas constatações declaramos que a ação educativa da Igreja Metodista – realizada através de todas as suas agências, isto é, a escola dominical, comissões, púlpito, grupos societários, instituições de ensino secular, teológico, de ação comunitária, etc – terá por objetivos: 1. dar continuidade, sob a ação do Espírito Santo, ao processo educativo realizado por Deus em Cristo, que promove a transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus; 2. motivar educadores e educadoras a se tornarem agentes positivos de libertação, através de uma prática educativa de acordo com o Evangelho; 3. confrontar permanentemente as filosofias vigentes com o Evangelho; 4. denunciar todo e qualquer tipo de discriminação ou dominação que marginalize a pessoa humana, e anunciar a libertação em Jesus ...³⁷²

Nesses quatro primeiros itens de tarefas, o documento evidencia o direcionamento a ser observado na prática educativa metodista: a pessoa de Jesus Cristo e o Reino por ele sinalizado. Denota o comprometimento da Igreja no anúncio e devoção, centradas no crucificado e ressuscitado, convocando-a ao novo direcionamento motivacional e ontológico dessa ação particular: a prática educativa.

Portando, ao metodismo carioca demanda que a reorientação cristológica aconteça na liturgia e na ação pedagógica, uma vez considerando as luzes lançadas pelos critérios teológicos descritos.

5.2.3. Reflexão em Torno da Práxis Diaconal

Importante também é refletir sobre a práxis eclesial. Nesse sentido, com que critérios teológicos poderá ser estabelecida a nova práxis pastoral metodista na cidade do Rio de Janeiro? Cabem aqui algumas considerações em relação ao diaconato observado e idealizado para o objeto de estudo desta pesquisa.

Seguindo a eclesiologia bonhoefferiana, junto à finalidade da Igreja em “estar-aí-para-outros” insere-se a provocação de “olhar a partir de baixo”. Ambas se constituem como princípios fundamentais da dimensão diaconal na práxis desejada

³⁷² IGREJA METODISTA. *Diretrizes e Bases*. P.53.

para o metodismo carioca. Mostram-se como fontes importantes para a assistência aos desafios de articular uma espiritualidade integrada (ou integral), de apreender o diaconato como vocação missionária e para compreender a comunidade eclesial como agência de promoção humana.

Em relação ao desafio da busca pela fonte espiritual alimentadora do diaconato, há no encontro com a reflexão teológica latino-americana da espiritualidade libertadora uma resposta. Diante da necessidade de transformação do meio social, a Igreja se surpreende como agente pastoral cuja presença se caracteriza e distingue pela fé que professa. Segundo Galilea identifica a força motivadora para essa atuação como “espiritualidade da mudança”, enraizada na memória pascal.

O cristianismo que desejamos para estes tempos deve buscar suas raízes na Páscoa de Jesus Cristo, ou na dinâmica bíblica de mudança que inclui morte e ressurreição. A mensagem cristã contém valores de transformação que, devidamente assimilados na fé, darão sentido à existência cristã em tempos de mudança. Trata-se, em primeiro lugar, de perguntar ao Evangelho qual é o sentido da mudança, da revolução, da violência, da reconciliação, supondo que são estes os traços fundamentais da história latino-americana³⁷³.

Desenvolver tal espiritualidade implica na ação submetida às “exigências de que a meta final é a libertação e a reconciliação, e empenhar-se em criar atitudes e valores que permitam que isto seja realmente possível”³⁷⁴. Libertação que corresponde à realidade pascoal da ressurreição, e reconciliação como atrelada à concretização da fraternidade. Tais atitudes impetram que a Igreja assuma, conforme dito no capítulo anterior, a *kénosis* de Jesus Cristo “no despojar-se de si mesma e fazer-se serva, fazendo-se impotente e renunciando ao poder e à influência temporal para si”³⁷⁵.

Despojando-se de si, empobrecendo-se e assumindo a função de serva, a Igreja se apresenta apta ao acolhimento do pobre. Nesse movimento Gustavo Gutiérrez também abordou o tema da espiritualidade cristã em perspectiva libertadora. Inspirado pela história bíblica de Jó, o referido autor apontou para um “falar de Deus a partir do sofrimento do inocente”.

Só podemos falar a partir de sua esperança, se soubermos calar e comprometer-nos com o sofrimento dos pobres. Só levando a sério a dor humana, o sofrimento do inocente, e vivendo sob a luz pascal o mistério da cruz no meio dessa realidade, será possível evitar que nossa teologia seja um “discurso vazio”. Não merecemos então,

³⁷³ GALILEA, Segundo. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975. P.26-27

³⁷⁴ GALILEA, Segundo. *Espiritualidade da Libertação*. P.27.

³⁷⁵ GALILEA, Segundo. *Espiritualidade da Libertação*. P. 49.

da parte dos pobres de hoje, a censura que Jó lançava na cara de seus amigos: “Sois todos uns consoladores inoportunos!”³⁷⁶

Invariavelmente, o encontro com essa espiritualidade consigna a construção de uma metodologia teológica, em cujo cerne se insere o pobre como sujeito imerso na realidade a ser transformada. Conforme Jon Sobrino cogita, “*extra pauperes nulla salus*” (fora dos pobres não há salvação)³⁷⁷. Sua realidade é condição, segundo Vitor Feller, para experiência com a Revelação de Deus. “Se Deus, para revelar-se, escolhe o caminho escandaloso da opção pelos pobres e excluídos, também cada cristão, para se revelar, isto é, para encontrar a verdade nuclear a seu respeito, e assim se realizar como homem novo em Cristo, deverá ser solidário com os excluídos”³⁷⁸.

Significa e implica em envolvimento tamanho que a assistência prestada ao pobre se torne vocação missionária, propósito evangelizador. Sendo esse outro grande desafio, a Igreja se observa incumbida por desvendar as formas de trabalho com esse sujeito. De modo prático, trabalhar com os excluídos pede à Igreja que observe sua presença física no meio deles, encarnando-se na sua realidade. Requer também que reforce a subjetividade dos excluídos partindo do *kérygma*, mantenha o ardor profético, levante o horizonte da utopia e fazendo (sendo) sinal do Reino de Deus.³⁷⁹

As sementes do Reino lançadas podem também gerar uma nova consciência que sirva de antídoto a algumas realidades refratárias como o consumismo, a desumanidade na concorrência regida pela lógica do mercado, a violência urbana. Sobre esta última, na procura de pistas de ação pastoral para superá-la, diz Jung Mo Sung:

Eu penso que uma linha de trabalho fundamental é a de recuperação da auto-estima das pessoas desvinculadas da capacidade de consumo. Ajudar as pessoas a terem experiências que lhes permitam perceber que são pessoas dignas não importando o que consomem. Uma verdadeira experiência espiritual. Experiência que as fazem ver que uma pessoa rica não é pessoa porque consome muito e de modo sofisticado, mas sim uma pessoa que tem capacidade de consumir. Como também que uma pessoa pobre é pessoa, apesar de não ter muita capacidade de consumo. É, no fundo, a idéia de que a justificação da vida não se dá pelo consumo ou pelos títulos sociais ou religiosos, mas sim pela fé, esta capacidade de apostar e ver que todos os seres

³⁷⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Petrópolis: Vozes, 1987. P.166

³⁷⁷ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008. P.67.

³⁷⁸ FELLER, Vitor Galdino. *Revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995. P. 120.

³⁷⁹ BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com os excluídos*. São Paulo: Paulinas, 1997. P. 117-118.

humanos têm a mesma dignidade fundamental e, por isso, devem ser tratados de acordo.³⁸⁰

Revisitando o que foi abordado no capítulo anterior, consoante ao que a Igreja Metodista elabora e conceitua, abraçar a diaconia significa exercer a missão do Reino. Destarte, no Plano para Vida e Missão são elencados os seguintes objetivos em relação à sua atuação social:

Conscientizar o ser humano de que a sua responsabilidade é participar na construção do Reino de Deus, promovendo a vida, num estilo que seja acessível a todas as pessoas. Cooperar com a pessoa e a comunidade a se libertar de tudo quanto as escraviza. Participar na solução de necessidades pessoais, sociais, econômicas, de trabalho, saúde, escolares e outras fundamentais para a dignidade humana. Propugnar por mudanças estruturais da sociedade que permitam a desmarginalização social dos indivíduos e das populações pobres.³⁸¹

Constante no seu Credo Social, documento pelo qual a Igreja Metodista define a sua doutrina social no Brasil, sendo mais antigo que o *Plano para Vida e Missão*, é declarado o seguinte:

A Igreja Metodista não só deplora os problemas sociais que aniquilam as comunidades e os valores humanos como também orienta seus membros no tratamento dos problemas dentro das seguintes normas e critérios: a) Propugnar por mudanças estruturais da sociedade que permitem a desmarginalização social dos indivíduos, grupos e das populações; b) Trabalhar para obter dos que já desfrutam as oportunidades normais de participação sócio-econômica e cultural e dos que têm a responsabilidade do poder diretivo da comunidade, uma mentalidade de compreensão e de ação eficaz para erradicação da marginalidade; c) Oferecer às pessoas vitimadas pelos problemas sociais a necessária compreensão, o apoio econômico e o estímulo espiritual para sua libertação, a orientação individualizada, respeitando sempre a sua autodeterminação; d) Pautar-se em normas técnicas e específicas a cada situação-problema, no tratamento das mesmas, utilizando os recursos comunitários especializados; e) Amar efetivamente as pessoas caminhando com elas até as últimas consequências para a sua libertação dos problemas e sua autopromoção integral.³⁸²

³⁸⁰ SUNG, Jung Mo. *Sementes de Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 96-97.

³⁸¹ IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*. P. 23-24

³⁸² IGREJA METODISTA. *Credo Social*. Biblioteca Vida e Missão. São Paulo: Sede Nacional/Cedro, 1999. P.29-30. Como citado no capítulo anterior, importa uma consulta à tese de Marco Antônio de Oliveira. (Cf. OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Teologia social do metodismo brasileiro: análise dos pressupostos históricos e teológicos do documento Credo Social*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011).

Dentro do que Ela mesma afirma, a Igreja é desafiada também a se tornar um espaço dedicado ao serviço. Uma verdadeira agência voltada para a promoção humana. Assim, sopesar a diaconia envolve dispensar-lhe tratamento epistemológico. Kjell Nordstokke ressalva que esta não conseguiu conquistar um espaço apropriado na Teologia, embora na história eclesiástica, desde seus primórdios, conste o registro de grandiosa prática diaconal³⁸³.

Por tal razão, Nordstokke propõe uma reflexão sistemática que denominou como “diacônica”. Seu ponto de partida é a identificação dos motivos para a prática diaconal na fé cristã. Em seguida, pelo auxílio das ciências sociais, investigam-se as possibilidades de atuação, reflete-se construindo um saber teórico, elabora-se uma metodologia que facilite a ação e se organiza um novo saber teológico, uma “teologia diaconal”³⁸⁴.

Primordialmente, para uma práxis pastoral nova, compete ao metodismo carioca uma apreensão renovada em relação ao sentido da diaconia. Ponderá-la epistemologicamente nas suas igrejas (espaços agentes de transformação), incorporando-a como vocação, inspirando-se pela espiritualidade libertadora e situando o pobre no cerne do objetivo da sua atividade missionária.

5.2.4. Reflexão eclesiológica

Retomando o pensamento eclesial de Bonhoeffer, bem mais que um ideal da experiência, a Igreja é uma realidade da fé em que há partilha, comunhão e serviço como manifestação do amor de Deus. Lugar onde se supera o legado individualista da apreensão do Reino de Deus e se instaura uma vivência comunitária da fé como sinal concreto desse Reino.

Gerhard Lohfink, tratando do tema da dimensão social da fé cristã³⁸⁵, apresenta algumas interpretações a respeito da forma como Jesus desejou as comunidades. Seu afã fora reconstituir o povo de Deus dentro da perspectiva do Reino, de maneira concreta e histórica.

³⁸³ NORDSTOKKE, Kjell. *Diaconia*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. P. 268-289. P. 268-269.

³⁸⁴ NORDSTOKKE, Kjell. *Diaconia*. P. 283-284.

³⁸⁵ LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986.

Jesus não imaginou o povo de Deus a ser reconstituído como comunidade meramente espiritual e religiosa – como *societas in cordibus*. Tais teorias que continuamente aparecem disfarçada ou abertamente, não correspondem às intenções de Jesus. O seguimento, ao qual Jesus chamou, não é um seguimento invisível... O movimento da reunião de Jesus é algo muito concreto e visível. O fato, de Jesus não dar a este movimento um perfil bem estruturado e um cunho institucional, não pode levar-nos a crer que ele quer uma “comunidade invisível”.³⁸⁶

Tal visibilidade revela a face de uma Igreja mais humana, segundo Schillebeeckx. Exprime essencialmente o significado da congregação de fiéis (*ekklesia*), cuja comunhão inicialmente se celebrava domesticamente e onde a resolução dos conflitos ocorre de maneira conciliar. Onde ministério e serviço se apresentam conjugados, e não atrelados a cargos de poder.³⁸⁷

Seguindo a ênfase de Yves Congar, consonante ao Vaticano II, seria uma eclesiologia de comunhão enraizada no mistério Trinitário, bem como no dinamismo pneumatológico que a manifesta historicamente como comunhão dos seguidores de Jesus³⁸⁸. Um aspecto que reforça a dimensão koinônica assinalada anteriormente, e sustenta a concretização de um novo projeto pastoral para o metodismo carioca. Corresponde à ênfase de uma Igreja povo, compreendendo o governo eclesiástico como exercício ministerial voltado para o serviço da comunidade.

Segundo Karl Rahner, a eclesialidade é intrínseca e necessária ao cristianismo.

A questão da Igreja não é somente questão de oportunidade para o homem, mas também, no sentido mais próprio, questão de fé. A partir da essência do cristianismo deve-se conceber a Igreja de tal maneira que ela provenha da essência do cristianismo enquanto autocomunicação sobrenatural de Deus à humanidade, autocomunicação que se manifesta de maneira histórica e em Jesus Cristo atinge seu vértice histórico definitivo. A Igreja é uma parte do cristianismo enquanto evento salvífico³⁸⁹.

Em sua manifestação histórica, como comunidade de discípulos, parece forte a necessidade atualizada da continuidade da Igreja. Forte também é a realidade da necessidade da pertença social e religiosa, sobretudo no contexto urbano onde estão inseridas as igrejas em estudo. É desafiador, também diante do mencionado crescimento pentecostal e neopentecostal e do desenvolvimento randômico das

³⁸⁶ LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades?* P. 46

³⁸⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. *Por uma Igreja Mais humana*. São Paulo: Paulinas, 1989. P.60-90.

³⁸⁸ Cf. CARNEIRO, César Azevedo. *A eclesiologia de comunhão em Yves Marie-Joseph Congar*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. P. 60.

³⁸⁹ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989. P. 400-401.

idades, possibilitar meios em que se reforce o caráter comunitário da vivência e experiência da fé.

Longe de ser uma apologia ao modelo eclesiológico celular, o desafio pastoral da *koinonia* pede um olhar generoso aos relacionamentos interpessoais por meio de pequenos grupos. Conforme a normatização feita no capítulo anterior, essas organizações diminuiriam as distâncias físicas e, portanto, relacionais entre os membros congregados, além de fraquearem o acesso pelo acolhimento de novos integrantes à comunidade de fé. Seria o ideal da comunhão possivelmente alcançado pelo que há de mais germinal na eclesialidade cristã: a organização de comunidades domésticas.

Em carta pastoral específica sobre o tema do discipulado em pequenos grupos, a Igreja Metodista compreendeu que “o caminho do discipulado em grupos pequenos não é mais um programa de edificação e crescimento da Igreja. é sim um modo bíblico e wesleyano de existir como igreja”³⁹⁰. Portanto, a maneira de a Igreja se organizar atenta, dentre outras, à observação de:

Desenvolver os objetivos do Discipulado resumidos nesses três aspectos: crescimento dos novos membros, integração no programa de Dons e Ministérios da Igreja e formação e treinamento de novos líderes (convivência, comunhão e aprimoramento das pessoas em seu relacionamento interpessoal, consigo mesmas e com Deus, segundo necessidades e condições específicas). O Discipulado não é, portanto, mais um programa da Igreja, mas está em relação direta com a dinâmica de Dons e Ministérios, que orienta os membros da Igreja no cumprimento da missão, sobretudo da Grande Comissão (Mateus 28.18-20).³⁹¹

Ao mesmo tempo em que enfatiza o aspecto comunitário da fé, a Igreja Metodista no referido documento também ressalta a dimensão ministerial e laical em sua eclesiologia, uma vez que é mencionada a formação de liderança para suprir tais grupos.³⁹² O que avigora a assertiva de Ducan Reily sobre o legado eclesiológico wesleyano basear-se na ideia de povo, e não da de uma hierarquia.

Igreja é também a manifestação do testemunho do amor de Deus em e na comunidade, revelando-se no culto que celebra. Afora da dimensão cristológica, o culto público é também a concretização visível do “corpo místico de Cristo” que

³⁹⁰ IGREJA METODISTA. *Testemunhar a graça e fazer discípulos*. P.17.

³⁹¹ IGREJA METODISTA. *Testemunhar a graça e fazer discípulos*. P.17-18.

³⁹² SOUZA, José Carlos de. *Leiga, ministerial e ecumênica: a Igreja no pensamento de John Wesley*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2013. Conforme defendido pelo autor, somado a esses dois aspectos acresce a adjetivação “ecumênica” ao se tratar do pensamento eclesial de John Wesley. Essa ecumenicidade será aprofundada em item adiante.

constrói liturgicamente, no tempo e no espaço, o seu encontro iniciado por Deus³⁹³. É a reunião koinônica ao redor da Palavra e da Eucaristia, na oferta individual e comunitária em devoção ao Senhor da Vida.

Nesse ensejo, a experiência da fé em comunidade deve despontar de maneira celebrativa e festiva, embora reverente. Criativa e aberta à mesma dinâmica pneumatológica que gera a comunidade de fiéis, entretanto atenta aos aspectos fundamentais da herança litúrgica de tempos idos. Oferecer vinho novo em odres velhos, porém com a sensibilidade, dentro da circunstancialidade histórica, brindar o novo vinho também em odres novos.

A experiência koinônica na celebração, como ocasião para o desenvolvimento de uma espiritualidade de partilha e comunhão, pode promover também o encontro com outras manifestações eclesiais e desejo de dialogar ecumenicamente. Segundo Nelson Kirst, não se encontraria maiores dificuldades em chegar a uma estrutura, teologicamente bem fundamentada, para celebrações ecumênicas. “No campo da liturgia, a abordagem ecumênica impõe-se quase que ao natural”³⁹⁴. A maior dificuldade, por mais paradoxal que pareça, é desenvolver uma espiritualidade ecumênica.

Cláudio Ribeiro e Magali Cunha, diante da indispensável busca por tal espiritualidade, destacam a Bíblia como a fonte básica que anima a pessoa cristã para a tarefa do diálogo e comunhão com outros referenciais de fé.

A Bíblia, quando lida como ‘espelho’ da fé – e não como manual dogmático – interpela fundamentalmente a vida humana. Se ela é vista como elemento simbólico profundamente arraigado na experiência humana, e não como manual histórico de mero conhecimento, cada pessoa e cada grupo, ao adentrarem em sua leitura (ou escuta), se colocam também lá dentro. Com isso, nos fazemos novos Adão e Eva, novos Moisés, ainda que sem a mesma pujança de Jesus, mas com condições mínimas e não isentas de contradições, para rever a vida, modificar rumos, perdoar e sermos misericordiosos.³⁹⁵

Abraçar essa forma de espiritualidade é um convite ao exercício da compaixão e longanimidade. É trilhar um “caminho das pedras” fixado em aspectos comuns dentro da diversidade de igrejas e pluralidade religiosa. Um caminho que

³⁹³ KIRST, Nelson. *Liturgia*. P.134.

³⁹⁴ KIRST, Nelson. *Liturgia*. P.138.

³⁹⁵ RIBEIRO, Cláudio; CUNHA, Magali. *O Rosto Ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. P.269.

Santa Teresa ajuda trilhar calcado na oração, na humildade e no perdão³⁹⁶. Que o legado wesleyano convida a lembrar na declaração: “Se o teu coração é igual ao meu, dá-me a tua mão”³⁹⁷.

Submetidos os imperativos às avaliações criteriológicas acima, a pesquisa avança para o cumprimento da terceira tarefa deste capítulo, a saber: o ordenamento dos pontos que constituem a nova práxis pastoral para o metodismo carioca.

5.3. Uma Nova Práxis Pastoral para o Metodismo Carioca

A nova práxis que se propõe nesta tese é uma resposta ao desafio de constituir um modelo eclesial-pastoral metodista adequado à realidade urbana carioca. Pretende concretizar um ideal de reforma baseado em algumas ações pelas quais a igreja se evidencie mais cristocêntrica, diaconal e koinônica, respondendo as necessidades e desafios pontuados na criteriologia.

Planejar ações pastorais (portanto reformistas), segundo Brighenti, significa concretizar a ação da Igreja de forma pensada e participativa. Significa fazê-lo “para” e “com” os outros, ou seja, enquanto processo de pensar pela própria comunidade de fé sem prescindir da inspiração e atuação do Espírito Santo. Isso implica fundamentalmente na desconcentração do poder em que coexistem diversos centros de decisão, contrapondo-se ao modelo de centralização decisória única³⁹⁸. Em outras palavras, consiste em destacar os sujeitos eclesiais no processo de mudança para uma nova práxis pastoral.

De acordo com Zulehner, os sujeitos da práxis da igreja são todos os membros da comunidade, assim como do seu desenvolvimento ulterior e eventualmente de sua reforma³⁹⁹. Denota dizer que todos os indivíduos não são meramente destinatários ou objetos da ação pastoral, mas partícipes dos processos de mudança praxiológica possibilitada pela atuação universal do Espírito Santo, que além de constituidor da Igreja, age e inspira todos os membros da comunidade⁴⁰⁰.

³⁹⁶ Cf. PEREIRA, Gerson Lourenço. *Luzes da espiritualidade teresiana para o diálogo ecumênico e inter-religioso atual*. In: PEDROSA PÁDUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica Baptista. *Santa Teresa: mística para o nosso tempo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Reflexão, 2011. P.203-225.

³⁹⁷ Cf. O sermão de *O Espírito Católico* in: John Wesley. Sermões, Edição Editeo – versão digital. Apud: VVAA. *Sermões de Wesley: Texto em inglês com duas versões em português*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2006. CD-Rom, Sermão 39.

³⁹⁸ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2011. P. 203-205.

³⁹⁹ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. P. 313

⁴⁰⁰ MIRANDA, Mário França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013. P. 141-150.

Tais sujeitos eclesiais são os agentes que participam da gestão comunitária e, com isso, dos processos de mudança para uma nova práxis pastoral. Segundo Ramón Prat i Pons, se faz necessário que tais sujeitos recebam um chamado sensibilizador que contemple suas expectativas individuais e, ao mesmo tempo, conduza a atitudes mais amadurecidas que rompem o individualismo pela consciência solidária. Esses são chamados à participação a partir de uma ação pedagógica nos diversos níveis de relação eclesial, como os pessoais e estruturais⁴⁰¹.

Diante dessas considerações, no metodismo carioca, quem seriam os sujeitos agentes e participantes na concretização da nova práxis pastoral? Seriam todos os membros. Como princípio constitutivo, a Igreja Metodista reconhece seus membros todos que dela participam segundo os dons e ministérios reconhecidos, sendo leigos ou clérigos. Estes são recebidos à comunhão da Igreja, tendo garantida a participação nos fóruns de decisão e administração eclesiástica⁴⁰².

Conforme constatado na amostragem, boa parte dos seus membros das igrejas cariocas compreende a faixa etária entre 30 e 49 anos, sendo em sua maioria integrante e participante do modelo pastoral “carismático”. Portanto, o sujeito eclesial em questão é relativamente jovem e comparte de uma forma de espiritualidade hegemônica nas comunidades do Rio de Janeiro. Essa seria a parcela que primordialmente deverá ser chamada à sensibilização para o exercício de uma nova práxis pastoral.

Canonicamente os fóruns de decisão metodista nos quais fazem parte os membros da Igreja Metodista, como já citado, são os concílios em suas diferentes instâncias. Estes refletem, cogitam e definem as linhas pastorais que serão adotadas. Assim como a metodologia que será observada para a implementação da práxis propriamente dita. Conforme indicado, no caso particular da Instância conciliar regional em que as igrejas cariocas se circunscrevem, a da Primeira Região Eclesiástica, o método adotado foi o modelo do planejamento estratégico.

Brighenti destaca que na procura por um método adequado, algumas pastorais adotam o mesmo modelo de gestão empresarial. Mesmo possuindo aspectos válidos, são identificados alguns problemas que dizem respeito à natureza e propósito da Igreja. Segundo o autor, a instituição eclesial não destina o fim em si mesma sendo, portanto, instrumento do Reino de Deus que compreende os outros segmentos cristãos

⁴⁰¹ PONS, Ramon Prat. *Tratado de Teologia Pastoral. Compartir La alegría de la fe*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1995. P. 172-181.

⁴⁰² IGREJA METODISTA. *Cânones 2012*, Constituição da Igreja Metodista, art. 14; e Título III, Capítulo I, art. 7º (caput) e §1º.

como aliados e não concorrentes, instando-se a trabalhar com todas as pessoas de boa vontade. Ao aplicar o conceito de “qualidade” deve ter em vista a eficácia no lugar da eficiência, pois muitas vezes se torna inevitável a experiência do fracasso da cruz. “A Igreja não pode perder de vista que melhor cumpre seu papel quando se faz *kénosis* do Reino de Deus, do qual é sinal e instrumento”⁴⁰³.

Em uma análise rápida sobre o *Planejamento Estratégico* da Igreja Metodista na Primeira Região, nota-se que além da adoção de um método e sistema de gestão empresarial, é evidenciado como objetivo primordial o fortalecimento institucional através do crescimento numérico por meio dos grupos de discipulado⁴⁰⁴. Confirma-se com isso a hipótese de que é necessário enfatizar a dimensão pastoral, em particular no metodismo carioca, como caminho para uma nova práxis qualitativa que contemple como eficiente (e não meramente eficaz) a diaconia, sinal do cristocentrismo consubstanciado na comunhão dos fiéis (*koinonia*).

Na proposta que se segue, busca-se a construção de uma ação pastoral que possibilite à Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro confirmar-se como instrumento do Reino de Deus. Portanto, pelas razões assinaladas e conforme o entendimento desta tese, a nova práxis perpassa pela forma com que a Igreja metodista se organiza, através da ação pedagógica, da experiência e prática cültica, da evangelização e do diálogo ecumênico.

5.3.1. Organização Dialogal

Como ponto de partida, a nova práxis requer uma estruturação organizativa adequada para a sua concretização. As palavras chave são funcionalidade e diálogo interno. Esse modelo pastoral se estruturaria de maneira funcional e aberta ao consenso por meio do diálogo franco, consciente e tolerante. De acordo com o que foi referido no capítulo anterior, respeitaria o exercício dos ministérios ordinários e extraordinários segundo as necessidades *ad intra* e *ad extra*, sendo as decisões tomadas partindo do assentimento comum por clérigos e leigos, tendo em vista o

⁴⁰³ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. P. 209.

⁴⁰⁴ Utiliza-se, para tal, o método de análise SWOT. Sigla em inglês da conjunção das palavras *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Oppotunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças). Com análise realizada, são lançadas macroestratégias para as diversas áreas de ação da Igreja, porém, destacando o discipulado como primordial para o desenvolvimento dos projetos das igrejas na Primeira Região. (Cf. IGREJA METODISTA NA PRIMEIRA REGIÃO ECLESIASTICA. *Planejamento Estratégico 2012-2021*. In: IGREJA METODISTA NA PRIMEIRA REGIÃO ECLESIASTICA. *Atas e Documentos do 40º Concílio Regional – 24 a 27 de Novembro de 2011*. Teresópolis: Igreja Metodista - 1º Região Eclesiástica, 2011. P. 185-283. P. 207).

princípio régio eclesial wesleyano como povo de Deus, assim como o da conexidade. Essencialmente uma organização de serviço e não uma estrutura de poder.

Destarte, cabe situar na estrutura administrativa da Igreja Metodista o espaço em que a nova práxis pastoral se desenvolverá. Foram anteriormente aludidas as instâncias distritais em que se circunscrevem as igrejas da cidade do Rio que, canonicamente, subordinam-se às alíneas pastorais constituídas pelo Concílio Regional da Primeira Região Eclesiástica.

O referido *Planejamento Estratégico* prescreve como ênfase o crescimento numérico da Igreja pela multiplicação dos grupos de discipulado, programando-o estatisticamente com o auxílio das lideranças clérigas distritais. Essas incentivam as lideranças locais a observar a mesma dinâmica de crescimento, constituindo os pequenos grupos nas adjacências de cada comunidade. Todavia, nota-se uma lacuna pastoral na ênfase dessa proposta que a própria organização ajuda a preencher.

Eclesiologicamente, o metodismo orienta-se pelos princípios conciliar e conexional. Em outras palavras, decide em assembleia e executa sem prescindir da comunhão com as outras comunidades locais. Submete-se à instância superior em termos diretivos, mas se adéqua às conjunturas respondendo aos desafios e necessidades existentes. Onde há lacunas, conforme a necessidade, as igrejas atuam de forma relativamente autônoma em ministérios, o que equivale dizer pastoralmente.

Em atendimento aos imperativos pastorais, assim como às lacunas percebidas na análise do *Planejamento Estratégico* da Primeira Região, as igrejas cariocas situadas nos sete distritos poderiam se reunir de forma colegiada respeitando as diretrizes regionais. Manteriam a autonomia dos respectivos concílios, contudo, instituiriam um conselho polidistrital que refletiria, discutiria e contribuiria com plano que contemplasse aspectos e desafios pastorais comuns às igrejas.

Tal conselho seria composto de forma paritária por leigos e clérigos, enfatizando a dimensão ministerial da Igreja. Seria menos institucional e elucubrativo, sendo mais prático e funcional. Disponibilizaria equipes e secretariados que promoveriam encontros, retiros, cursos de formação, iniciativas para sensibilização e conscientização, em conjunto com outras experiências eclesiais e a sociedade civil.

Essas secretarias trabalhariam na direção apontada pelo *Plano para Vida e Missão*, respeitando as áreas de trabalho que o documento apresenta, a saber: área de ação social, área de comunicação cristã, área de educação (cristã, teológica e secular),

área de ministério cristão, área de evangelização, área de patrimônio e finanças e área de promoção da unidade cristã⁴⁰⁵.

As contribuições desse colegiado polidistrital seriam participadas ao Concílio Regional. Subsidiariam as igrejas locais na elaboração dos Planos de Ação e projetos de discipulado, fortaleceriam a conexidade dessas comunidades, favoreceria a presença da Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro e contribuiria para um diálogo pastoral com a realidade social urbana carioca.

Respeitado o princípio do sacerdócio universal, a coordenação desse colegiado não seria ofício exclusivamente dos membros clérigos, mas com abertura para a atuação dos membros leigos. A função dessa coordenação seria articular e animar a atuação das igrejas nos âmbitos que correspondem ao contexto urbano carioca com profundidade teológica, sensibilidade quanto aos desafios pastorais, fidelidade doutrinária wesleyana, abertura para o diálogo e espiritualidade autêntica.

Incidindo diretamente na organização local, respeitando as diretrizes regionais, há ainda algumas possibilidades. Em relação às dimensões cristocêntrica e diaconal, as igrejas locais podem evidenciar o cristo vicário através de uma estrutura que não seja um fim em si mesmo, mas sinal do Reino de Deus e presença viva de Jesus Cristo. Nesse sentido administração atual da Igreja Metodista no Brasil atenderia as aspirações contidas nesta proposta pastoral, começando pelo espaço decisório e de discussão dos concílios. Estes podem ser espaços de aprovação de ações em que, de maneira consciente e harmônica, concretize a encarnação cristológica pela fixação da presença da Igreja na sociedade.

Sérgio Marcus, ao identificar algumas formas de idolatria na Igreja Metodista, notou no orgulho pela organização e no poder com dois exemplos emblemáticos⁴⁰⁶. Enfatizar os concílios como espaços de sinalização do Reino de Deus é, pois, resgatar o princípio de diálogo e humanização que sustenta a Igreja incorporando uma postura profética e *kenótica*, em rejeição à estrutura de poder, optando por uma organização a serviço do povo⁴⁰⁷.

Como anteriormente sinalizado, no que diz respeito à dimensão koinônica, os grupos pequenos se constituiriam micro-organizações eclesiais. Ao redor da Palavra de Deus, seriam a espaços para o cultivo da espiritualidade libertadora, comunhão e amadurecimento da fé. Acolheriam indivíduos, respeitados em sua alteridade, e

⁴⁰⁵ IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*. P. 23-43.

⁴⁰⁶ LOPES, Sérgio Marcus Pinto. *A proliferação dos ídolos que matam: idolatria dos pobres opressores e formas de idolatria nas igrejas*. In: Et. Al. *Luta pela vida e evangelização*. P. 133- 242.

⁴⁰⁷ Tratou-se do mote adotado pela Igreja Metodista ao longo de praticamente toda a década de 90.

canalizariam à inserção no corpo eclesial pelo sacramento do batismo e participação eucarística. Com isso, as igrejas ajudariam a romper com a referida sacralização do individualismo reinante no contexto urbano carioca.

Nessa direção, ao colegiado poderia caber a constituição de uma rede de grupos que estenderiam os laços koinônicos nos bairros geograficamente mais próximos. Assim poderia ocorrer um crescimento espontâneo através da ênfase comunitária, sem que um cunho proselitista contestado na amostragem.

Em atenção ao resultado da amostra colhida na pesquisa de campo, essas micro-organizações foram reconhecidas como espaços oportunos para o aprofundamento do legado doutrinário wesleyana. Por seu turno, pôde ser verificado que mesmo entre as igrejas carismáticas há um reconhecimento da importância da doutrina metodista para a espiritualidade pessoal. O que avigora a ênfase sobre a formação desses grupos de maneira reorientada.

Dentro do que ora se apresenta, uma nova práxis pastoral requisita uma organização eclesial mais humana e humanizadora. Menos burocratizada, mais dialogal, amadurecida, composta por quem ama de forma esclarecida sua história e legado. Que seja um organismo vivo onde a comunhão de todo o povo de Deus se concretize como sinal libertador no mundo, rompendo o individualismo e intimismo devocional, atuando de forma apaixonada pela imersão nos dilemas e vicissitudes constantes na realidade social.

5.3.2. Ação Pedagógica Conscientizadora

A nova práxis exige a disponibilização de meios pedagógicos para sensibilização, conscientização e concretização do seu propósito reformista. Demanda que se repense alguns conceitos e rumos da educação cristã (*didaskalia*).

Em perspectiva ecumênica, Danilo Streck distingue três formas de atuação pedagógica, a saber: àquela que se refere “à postura que cada corpo eclesial encontra para instruir seus membros”⁴⁰⁸ – Exercida por meio das escolas dominicais, do ensino confirmatório ou catequético; a segunda que diz respeito “à atividade educativa realizada dentro e a partir de uma perspectiva cristã”⁴⁰⁹ - Exercida pelos/as

⁴⁰⁸ STRECK, Danilo. *Uma Prática em Busca de Teoria. Revista Estudos de Religião*, nº12, 1996. P. 45-60. P. 46.

⁴⁰⁹ STRECK, Danilo. *Uma Prática em Busca de Teoria. Revista Estudos de Religião*. P. 46.

cristãos/ãs em instituições seculares; e a terceira, que concebe como disciplina integrante da área da Teologia Prática⁴¹⁰ – Exercida como disciplina acadêmica.

Essa tríplice distinção parte do “pressuposto de que a Educação Cristã é aquela prática educativa construída sobre uma visão de ser humano e de sociedade na relação explícita da fé cristã, na perspectiva do Reino de Deus”⁴¹¹. A mesma concepção abraçada pela Igreja Metodista ao compreender a prática educativa como: “... O processo que visa a oferecer, à pessoa e à comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte à luz do Reino de Deus”.⁴¹²

Por essa razão a nova práxis pastoral não deve prescindir de uma ação pedagógica conscientizadora, considerando tanto o âmbito da Igreja como o da sociedade. Equipando-se com os recursos devidos para o atendimento das demandas internas e externas, visando a capacitação e formação dos sujeitos eclesiais.

Atentando para o imperativo cristológico-cristocêntrico, o metodismo carioca deve ocupar-se em prover os canais para o alcance da compreensão da centralidade da pessoa de Jesus Cristo na dinâmica da vida eclesial. Considerando sua tradição pedagógica, inserido na proposta do colegiado polidistrital constaria uma secretaria de educação que se ocuparia, fundamentalmente, em refletir os aspectos circundantes na cristologia, na realidade social e dentro da eclesiologia. Tais reflexões seriam vislumbradas sob a ótica do cristocentrismo, da diaconia e da koinonia.

Essa secretaria buscaria subsidiar as igrejas com materiais para reflexão elaborados sob a orientação doutrinária wesleyana, supervisionados pelas instâncias regionais dessa área. E seriam utilizados nos espaços destinados ao ensino formal ou não formal das igrejas tais como escolas dominicais, grupos de discipulado, estudos semanais, sermões.

Os agentes dessa secretaria deverão ter uma sólida base teológica, atuantes tanto nos ministérios ordenados como nos não ordenados da Igreja Metodista e com experiência eclesial suficiente para atuar mistagogicamente, ajudando na tarefa basilar eclesiológica de compartilhar o conteúdo da fé.

Também a tais agentes roga-se que tenham a devida percepção da realidade, assim como as necessárias mediações sócioanalíticas que permitam leituras

⁴¹⁰ STRECK, Danilo. *Uma Prática em Busca de Teoria. Revista Estudos de Religião*. P.47.

⁴¹¹ STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas: aproximações com a teologia*. Petrópolis/Curitiba: Vozes/CELADEC, 1994. P.14.

⁴¹² IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*, p. 26.

conscientes da conjuntura em que as igrejas estiverem imersas. Nessa direção seria cogitada uma equipe interdisciplinar que, dentro até mesmo das formas de conhecimento calcadas na realidade da complexidade, estabeleceria o diálogo com diversos saberes para melhor compreensão do contexto, maior discernimento sobre a realidade e constantes avaliações criteriológicas para ações pastorais futuras.

Além de interdisciplinar, essa equipe seria provocada à abertura e partilha de conteúdo com outros referenciais cristãos atuantes, histórica e legitimamente presente, no mesmo contexto urbano em que se insere o metodismo carioca. Apesar das diferenças (e divergências) doutrinárias, esse diálogo contribuiria para alcance de horizontes comuns que toda experiência eclesial autêntica se inclina: os horizontes do Reino de Deus. Esse diálogo seria ao redor da práxis, e não propriamente sobre conteúdo dogmático.

Há que apreciar também a herança wesleyana sobre a educação secular, desde o metodismo primitivo à presença denominacional em terras brasileiras. Um legado que interpela as igrejas cariocas de maneira objetiva e direta, tendo em vista as carências persistentes no sistema de ensino nas grandes cidades do País.

Um provável encargo da secretaria de ação pedagógica do mencionado colegiado deverá ser o de se prontificar a, diante da necessidade premente, fomentar iniciativas junto metodismo carioca de atendimento das demandas educativas nas comunidades em que se estabelecerem. Com tal iniciativa, o metodismo contribuiria para o desenvolvimento transformador e libertador da consciência crítica e solidária, tão importante e ausente na mentalidade urbana.

Finalmente, essa secretaria assessoraria as igrejas cariocas no processo de mudança para a nova práxis pastoral. Caminharia em parceria com os sujeitos eclesiais, dispondo-se a aproveitar cada espaço pedagógico-conscientizador no primeiro momento de implementação do projeto, e momentos subsequentes para a consolidação, avaliação e recondução da práxis por outros caminhos. Funcionaria como um setor intelectual orgânico, tão importante para ações conscientemente orientadas.

5.3.3. Liturgia Contextualizada

A diversidade é uma das marcas do culto cristão. Em meio à pluralidade de experiências eclesiais, há diametralmente relacionada variadas expressões litúrgicas

que se distinguirão na forma, porém não no conteúdo⁴¹³. Não existe uma liturgia correta, pois os aspectos culturais sempre serão determinantes para a configuração, construção simbólica e espaço destinado ao culto. Todavia, há elementos comuns presente em todas as tradições cristãs que são lembrados e celebrados.

Construir uma nova práxis pastoral para o metodismo carioca evoca a proposta de uma liturgia contextualizada. Que ao mesmo tempo preserve os elementos essenciais de sua ortodoxia e incorpore aspectos da espiritualidade popular, quicá da religiosidade matricial brasileira, que não sejam distorcionantes. Por isso os desafios da contextualização e inculturação do culto são salutares, enquanto respeitam como fundamentais a Palavra de Deus, a comunhão e a reunião em nome de Jesus⁴¹⁴.

Trabalhar uma liturgia contextualizada junto a tais igrejas implica também no labor teológico-pedagógico. Toda celebração, com seus traços culturais, são expressões do que a comunidade crê. E conteúdo da fé se transmite pela ação pedagógico-mistagógica eclesial. Portanto, a fim de que no interior do metodismo carioca se desenvolvam formas litúrgicas que ensinem além de celebrar, como primeiro passo deveria ser cogitado também no conteúdo a ser transmitido nos espaços formais e não formais de ensino os princípios, fundamentos bíblico-teológicos e história da liturgia cristã. O que incluiria os estudos do calendário cristão, do lecionário ecumênico, da ordem de culto seguido pela Igreja Metodista e da hinologia.

Outro passo seria a fomentação de seminários de capacitação para ministros da liturgia, em que se trabalhariam além do conteúdo referido, o lugar da música no culto, tópicos sobre a espiritualidade cristã e aspectos sociológicos que dizem respeito à cultura e religiosidade popular. Esses seminários seriam também oferecidos pelo colegiado polidistrital, sendo a duração suficiente para a formação mínima dos futuros ministros.

Um terceiro passo seria a formação de equipes de liturgia locais, subsidiadas pelo processo formativo indicado. Essas equipes assessorariam os/as dirigentes clérigos e dialogariam com as comunidades sobre as inserções artísticas, os cânticos, as participações com o propósito de fortalecer nos cultos os elementos fundamentais da “ortodoxia”. Elas não perderiam de vista o cristocentrismo e a koinonia como aspectos primordiais.

⁴¹³ Cf. WHITE, James. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. P. 24-30.

⁴¹⁴ *O ministério Cristão*. São Paulo: ASTE, 1979. P. 122.

Por outro lado, as equipes de liturgia estariam atentas às manifestações espirituais e ao universo simbólico rico da cultura brasileira, assim como ao que é proveniente da cultura urbana. Não no sentido de negá-las ou rechaçá-las, mais inserindo na prática cültica com o devido discernimento. Observando o equilíbrio entre o essencial, que corresponde à afirmação identitária; e a atualização e contextualização naquela comunidade. Possivelmente nesse sentido deverá continuamente estudar aos hábitos das comunidades, tomar ciência da história daquela localidade e conhecer o membro que participa das atividades regulares e cultua nesse lugar.

Embora se situem no mesmo contexto, não necessariamente as igrejas cariocas enfrentaram localmente as mesmas angústias e crises. Por essa razão não se deve pensar em uma mensagem unificada para todas as comunidades. Dentro da riqueza dos gestos, símbolos e práticas constantes na cultura popular, por que não lançar-se mão e celebrar? Falar o mesmo idioma não significa que se está falando a mesma linguagem! O culto pode ser um espaço criativo e envolvente. Mas cabe a quem coordena reconhecer os limites da incorporação desses aspectos sem lancear a tradição.

A experiência litúrgica não pode ser confundida com espetáculo. O que acarreta na construção, ou reconstrução, de uma mentalidade voltada para a valorização das práticas devocionais arcanas, em referência ao que Bonhoeffer propôs que fosse preservado e mencionado no capítulo anterior. Um culto pode acontecer sem a aparelhagem sonora que é requisitada para uma celebração. A oração pode ser dirigida a Deus sem propósitos utilitários e egoístas, antes solidários e voltados para fins comunitários.

Consequentemente, as equipes responsáveis pela prática litúrgica recebem a incumbência adicional de dirigir uma comunidade de indivíduos. Na qual, mesmo sendo um povo reunido, haverá oportunidade de que cada pessoa tenha a sua alteridade contemplada e considerada. E essa pessoa, mesmo contemplada, entenda que a ocasião o conduz a ser manifestação de Cristo pela comunhão com os irmãos da fé, testemunhas da ação salvífica de Deus.

Essas observações não impediriam que cultos com maior fervor “carismático” acontecessem. Contudo, ajudariam as igrejas a não perderem o horizonte da comunhão (eucarística e interpessoal), da diaconia e o olhar para a motivação primordial e fundamento da Igreja: Jesus Cristo.

5.3.4. Evangelização Libertadora

Segundo José Comblin, a evangelização no contexto urbano perpassa pela presença e ação cristã na sociedade através do serviço voluntário. Passo a passo as transformações que se almeja em âmbito global acontecem localmente⁴¹⁵. Existe uma gama de ações que podem ser desenvolvida nos bairros dos grandes centros.

Nos bairros há pessoas que precisam de ajuda de diversas maneiras: velhos esquecidos, meninos e meninas de rua, mães solteiras, doentes, desempregados. Em alguns casos, uma ajuda imediata ou temporária basta. Em outros casos, é preciso fazer parcerias com entidades sociais ou públicas. Em outros casos ainda, somente um acompanhamento contínuo pode ser eficaz.⁴¹⁶

Sobretudo, onde há maior incidência de pessoas de baixa renda a falta de segurança, de saneamento básico, problemas relacionados à saúde pública e juventude desempregada⁴¹⁷ são também questões permanentes que desafiam a pastoral urbana. São os mesmos problemas que atingem boa parte das localidades em que o metodismo está representado, interpelando a ações concretas e significativas de evangelização.

Retomando a pesquisa de campo, nas questões que correspondem ao perfil social dos membros das igrejas, existe uma percentual considerável de pessoas entre 30 e 49 anos concentradas no subúrbio, sendo o segundo segmento maior os que correspondem à faixa etária acima dos 60 anos. Sendo em torno de 43% os que possuem o ensino médio completo. Lembrando que, entre os mais idosos, figuram um percentual considerável de mulheres com nível de escolaridade fundamental. Realidade que não deve ser desprezada pela evangelização.

Como área de atuação missionária, a Igreja Metodista afirma, conceituando, que:

A evangelização, como parte da missão, é encarnar o amor divino nas formas mais diversas da realidade humana, para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade pela adoração, proclamação, testemunho e serviço.⁴¹⁸

Deste modo, é imprescindível à nova práxis pastoral que a ação evangelizadora do metodismo atenda aos apelos e clamores da cidade do Rio de

⁴¹⁵ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. P. 28-29

⁴¹⁶ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. P.39.

⁴¹⁷ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. P. 39-40

⁴¹⁸ IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*. P. 37

Janeiro. O imperativo é sinalizar a presença vicária e *kenótica* de Jesus Cristo, resgatando assim a vocação diaconal arrefecida conforme as conclusões da pesquisa de campo apontaram. Para tanto, como iniciativa determinante seria a priorização do uso dos seus recursos financeiros e patrimônio nos projetos e ações evangelizadoras e diaconais.

Partindo da conexidade indicada na proposta do colegiado polidistrital, poderão ser organizadas redes de solidariedade e auxílio como ação coordenada por possíveis secretarias de evangelização e ação social. Elas facilitaram as ações daiconais das igrejas, subsidiando-as com recursos humanos e aparelhamento devido, dentro do leque de problemas que fossem levantados.

O mesmo setor nesse colegiado se encarregaria de realizar um levantamento constante dos problemas sociais encontrados nos bairros. A metodologia seria tanto por meio de iniciativa direta do grupo, com pesquisas de campo e averiguação das necessidades dos bairros; como pela informação das situações de carência e necessidade prestada pelas igrejas locais da cidade.

Com certa periodicidade, poderiam ser realizadas consultas nas igrejas a respeito da conjuntura social, considerando em que medida a membresia das igrejas sofrem com as mesmas necessidades. Afim de que se fixe uma rede de assistência *ad intra* e *ad extra*, essa secretaria mobilizaria recursos para suprir as demandas.

Atuando de maneira semelhante, pela consulta conjuntural contínua seriam organizados simpósios, fóruns e cursos para pontuação, aprofundamento e busca de soluções para os problemas sociais despontados. Nessas ocasiões as igrejas metodistas se cercariam mais da contribuição de outros grupos eclesiais e da sociedade civil que já atuem ou se sensibilizem com as mesmas causas, visando a consignação de parcerias.

Dentro de uma proposta de incentivo à ação diaconal se discutiria a criação de instituições locais, as Associações Metodistas de Ação Social⁴¹⁹, que manteriam creches, centros comunitários e escolas do ensino básico. Quiçá, o mesmo incentivo poderia acarretar na estruturação de serviços nos âmbitos distritais, tais como balcões de emprego, cursos para capacitação e preparação de jovens para o mercado de trabalho, auxílio ao terceiro setor, casas de repouso para idosos, abrigos para moradores de rua, centros de recuperação para toxicômanos, amparo a pessoas que vivem situações de risco.

⁴¹⁹Trata-se de associações subordinadas aos concílios locais, com personalidade jurídica particular, que se ocupam da prestação mais estruturada dos projetos sociais que as comunidades prestam nas suas respectivas localidades.

No nível pessoal, as igrejas locais cariocas se equipariam para assistir à diversidade de agrupamentos de indivíduos, com o respeito à alteridade, se mostrando aberta ao acolhimento e à prestação de serviços. Nesse atentariam, por exemplo, para mulheres que vivem o drama da violência doméstica, adolescentes que se tornam mães prematuramente, homossexuais, imigrantes, e se autoinstariam para a constituição de ministérios específicos para humanização dessas pessoas.

Nessa perspectiva, as ações não ocorreriam isoladamente, mas como uma práxis conjunta das igrejas de maneira sistemática, minimamente estruturada e planejada. Olhando para as necessidades emergenciais, prestando com isso a assistência imediata e precisa; mas sem o descuido de deixar de refletir sobre as razões conjunturais que acarretam no leque de problemas sociais, dispendo-se a propostas de dimensão pastorais maiores.

5.3.5. Abertura Ecumênica

Finalmente, a edificação de uma nova práxis pastoral no contexto urbano carioca postula uma abertura para o diálogo ecumênico. Por se tratar de um meio marcado pela diversidade e pluralidade eclesial e religiosa, o metodismo não se situa como a única referência espiritual, cristã e muito menos evangélica na sociedade do Rio de Janeiro. Conforme analisado no capítulo inicial, o crescimento neopentecostal e sua interpelação sobre os segmentos protestantes favorecem uma reação natural de fechamento e temor.

Acrescentado à situação do metodismo frente aos movimentos religiosos neopentecostais, há ainda um paradigma fundamentalista presente na mentalidade dos fiéis, legado pelo modelo pastoral protestante de missão também mencionado no início desta pesquisa. Porém, a passagem para uma nova práxis impetra que se conte com abertura para o diálogo e ações coligadas e cooperativas com outras comunidades eclesiais.

Não obstante ao paradigma recebido, o metodismo traz em sua constituição e herança particular a inclinação ontológica para o diálogo ecumênico. Em uma verificação nas fontes primevas, no estudo sobre a eclesiologia de John Wesley, José Carlos de Souza afirma: “No caso dos metodistas e demais herdeiros do legado wesleyano, negar a ecumenicidade da Igreja não é apenas rejeitar um traço de sua

identidade confessional, mas é renunciar ao seu propósito histórico, a razão de ser⁴²⁰. Ou seja, o empenho pela unidade cristã não é apenas uma ação do metodismo, mas a sua declaração de propósito e inspiração missionária.

Fundamentado nesse legado, o documento pastoral da Igreja Metodista no Brasil, o *Plano para a Vida e Missão*, também define como área de ação missionária a promoção da unidade cristã.

A busca e vivência da unidade da Igreja, como parte da Missão, não são optativas, mas expressões históricas do Reino de Deus. Elas procedem do Senhor Jesus Cristo e são realizadas por meio do Espírito Santo, pela rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cristãos trabalhar em amor na construção do Reino de Deus até a sua concretização plena. (Jo 10.17; 17.17-23; 1Co 1.10-13; 12.4-7, 12 e 13; Ef 4.3-6; 2.10-11)⁴²¹

Movido por tal entendimento, o metodismo carioca deve abraçar o ecumenismo como vital para a consolidação da sua nova práxis pastoral. O que, em um primeiro momento, insta as igrejas novamente a uma ação pedagógica conscientizadora. Porquanto se evidencia como necessário imprimir uma mentalidade esclarecida nos mesmos sujeitos eclesiais que se habituaram tratar o tema de forma pejorativa e, não raro, distorcida.

Colegialmente, a consciência ecumênica seria transmitida por meio de estudos temáticos elaborados em parceria entre o setor de educação e de promoção da unidade cristã. Sua utilização se daria nos mesmos espaços dedicados ao ensino e discipulado pela Igreja. O leque de assuntos envolveria a espiritualidade ecumênica, história do

⁴²⁰ SOUZA, José Carlos de. *Leiga, ministerial e ecumênica: a Igreja no pensamento de John Wesley*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2013. P. 222. Segundo Héleron Bastos, o envolvimento da Igreja Metodista no Brasil com o movimento e organismos ecumênicos é histórico e fundante. (Cf. RODRIGUES, Héleron Bastos. *No mesmo barco: vivência inter-eclesial dos metodistas do Brasil de 1960-1971*. São Paulo/São Bernardo do Campo: ASTE/Programa Ecumênico de Pós Graduação em Ciências da Religião (IMS), 1986). Contudo, o “silêncio” em torno do tema, pela liderança e alguns órgãos responsáveis pela comunicação interna, acarretou na apreensão equivocada a respeito do assunto por boa parte dos membros, no que culminou na decisão mencionada da retirada da presença da Igreja Metodista nos órgãos em que houvesse representação Católica Romana (Cf: TUNES, Suzel Magalhães. *O pregador silencioso: Ecumenismo no jornal Expositor Cristão (1886-1982)*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UMESP, 2009.), mesmo possuindo um documento pastoral/normativo sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso onde, de forma clara e irretocável, tal questão fosse positivamente argumentada. (Cf. IGREJA METODISTA. *Carta pastoral do Colégio Episcopal sobre ecumenismo*. Biblioteca Vida e Missão, n. 4. São Paulo: Sede Nacional/Cedro, 1999). Atualmente, a Igreja Metodista dispõe de outro documento pastoral. Este pretende atender a lacuna pedagógica deixada pela falta de compreensão sobre a unidade cristã e diálogo com outros referenciais eclesiais fora do metodismo. Trata-se do cumprimento de uma decisão do mesmo Concílio Geral, o XVIII, que optou pela saída dos órgãos ecumênicos, a fim de iniciar um processo de esclarecimento e conscientização do tema em todos os âmbitos da Igreja. (Cf. IGREJA METODISTA. *Para que todos sejam um: a perspectiva metodista para a unidade cristã*. (Documento do Colégio Episcopal) São Paulo: Sede Nacional, 2009).

⁴²¹ IGREJA METODISTA. *Plano para Vida e Missão*. P. 41.

movimento ecumênico e sentido do ecumenismo, fundamentos bíblicos e teológicos, interfaces com a doutrina wesleyana e diaconia em perspectiva ecumênica.

Esse labor pedagógico buscaria superar algumas barreiras para o diálogo ecumênico no metodismo carioca. A primeira seria a imposta pelos preceitos fundamentalistas, construindo a concepção da diversidade como riqueza antropológica e teológica, sem que o outro seja demonizado por conta das suas peculiaridade e particularidades⁴²².

Outra barreira a ser superada é a erguida pelo temor da subtração numérica de fiéis, alimentada pela sensação de pertença a um verdadeiro mercado da fé. Reino de Deus não é uma realidade em que vigora o conceito de concorrência. Nenhuma instituição religiosa é destituída dos sinais de amor, solidariedade, tolerância e respeito que pretendem instaurar uma consciência e cultura de paz pela ação do Espírito Santo. Isso implicaria às igrejas cariocas a incorporar uma consciência pneumatológica na sua nova práxis que far-nas-iam inclinar para o estreitamento de relações, além da comunhão litúrgica-devocional.

A terceira e última barreira é a sustentada pelas relações de poder. Tem a ver com a primeira, sendo dela o seu desdobramento. No campo institucional, seguindo a linha de raciocínio de Michel Foucault, não há uma procedência única do poder, mas feixes em cuja dinâmica se opera de cima para baixo e vice versa⁴²³. Coexistem forças internas que lutam por sua manutenção e preservação, criando para tal estados de subserviência.

Superar essa última barreira provoca a nova práxis pastoral a novamente observar uma postura *kenótica*, ressaltando o serviço e a comunhão como essenciais, sendo empenhada sua força na promoção da unidade e o testemunho subsequente na sociedade.

⁴²² Ivo Pedro Oro, fazendo uma análise sociológica do fundamentalismo, investiga sua origem no protestantismo norte-americano conceituando como “um movimento social religioso que tem a sua gênese num contexto de acentuadas contradições sociais (que)... Desempenha uma função social de compensação, mediante novos vínculos interpessoais e reforço da identidade, e, ao mesmo tempo, de legitimação de certa ordem social vigente.” Dessa forma, o autor identifica novas formas de fundamentalismo no interior de outros segmentos religiosos (inclindo o catolicismo) como fenômeno denominado *neofundamentalismo*: “a produção religiosa feita por um grupo, no interior de religiões reveladas, que, legitimando-se através de uma leitura literal de verdades contidas no texto sagrado, objetiva reagir contra situações que ameaçam o *status quo* social, a cultura tradicional e/ou a integridade de sua fé, combatendo internamente os hereges da religião e externamente os novos valores culturais.” O fundamentalismo católico se caracteriza pela traição ao Vaticano II e retorno à Tradição; na centralização do poder corendo a colegialidade; pela repressão à reflexão teológica; apoi a novos movimentos de orientação conservadores, como à Opus Dei, Movimento Emanuel, Schondstadt. (Cf.: ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996).

⁴²³ FOUCALT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P. 246.

Conclusão

Buscando pavimentar a passagem da práxis vigente para uma nova práxis pastoral, foram inicialmente lançados como imperativos (metas) o restabelecimento da centralidade da pessoa de Jesus Cristo, a recuperação da vocação diaconal e a reestruturação das relações koinônicas das igrejas metodistas cariocas.

Compreendeu-se, de acordo com a análise da pesquisa de campo (que permitiu levantar a realidade da práxis vigente), somado ao marco teórico proveniente do pensamento eclesiológico bonhoefferiano e a normatização realizada que o metodismo carioca necessita revelar o cristocentrismo através da liturgia que celebra e concepções teológicas que confessa. Tal manifestação deve despontar a presença do Cristo vicário por meio da *kénosis* eclesial, resistindo e rejeitando qualquer forma de tentação messiânica de poder.

A vicaridade de Cristo por meio da *kénosis* eclesial se concretiza no serviço, na diaconia, o segundo imperativo apontado neste estudo. Para a realização de uma nova práxis pastoral, importa ao metodismo carioca recuperar sua vocação diaconal *ad intra* e *ad extra*, rompendo com o descompromisso em relação aos problemas sociais, bem como ao intimismo e individualismo reinante na postura dos seus membros.

Desafiado a reestabelecer o cristocentrismo, como consubstanciação do cristocentrismo e da diaconia, o metodismo carioca recebe como meta a reestruturação das relações koinônicas no interior das comunidades pelo culto que celebra, bem como nas micro-organizações eclesiais (grupos pequenos de discipulado) que proporcionam o fortalecimento dos vínculos fraternais e de comunhão entre os seus membros. Não obstante à comunhão interna (*ad intra*), em relação aos outros grupos eclesiais existente á lançada a meta koinônica *ad extra*, visando a construção de uma práxis pastoral que contribua para a transformação da realidade através da parceria, diálogo e convívio harmônico e amadurecido.

Em momento posterior tais imperativos foram submetidos à avaliação criteriológica a partir de aspectos sociológicos e teológico-pastorais procedentes da cristologia, da reflexão em torno da práxis eclesial e da eclesiologia. Esse momento criteriológico permitiu situar a práxis a ser exercida em contexto urbano e de urbanidade, onde a gama de desafios pastorais elencadas, bem como os aspectos teológicos levantados, pavimentaram o caminho para o propósito reformista da pesquisa.

O metodismo carioca é interpelado pelos problemas que despontam na realidade urbana carioca, tais como a individualização, o consumismo, a exclusão social e a violência. Da mesma forma é provocado a refletir teologicamente a respeito da vicariedade e *kénosis* inspiradora de Jesus Cristo, da práxis eclesial eivada pela espiritualidade libertadora e transformadora da realidade e da eclesiologia ministerial, de comunhão e ecumênica.

Sobre esse caminho este capítulo cumpriu as suas tarefas apresentando uma nova práxis pastoral a ser observada e exercida pelo metodismo na cidade do Rio de Janeiro. Perseguindo um propósito reformista, a nova práxis é baseada em uma **organização dialogal**, na **ação pedagógica conscientizadora**, por meio de uma **liturgia contextualizada**, com **ação evangelizadora libertadora** e **abertura ecumênica**.

A nova práxis pastoral proposta requisa uma organização eclesial que promova uma ação conjunta entre as igrejas metodistas da cidade do Rio. Em forma de colegiado, estruturado em secretariados, sem interferência na relativa autonomia dos concílios locais, os distritos que compreendem as circunscrições dessas igrejas articulariam e elaborariam projetos e planos de ação que atenderiam aos imperativos e desafios pontuados.

No âmbito das comunidades locais, se enfatizaria a formação de grupos pequenos como organizações eclesiais de base que inseririam, integrariam e despertariam os membros a desenvolverem uma consciência eclesial ministerial e koinônica.

Visando possibilitar o processo de passagem para a nova práxis e como maneira de construir e manter a mentalidade cristocêntrica, diaconal e koinônica importa uma ação pedagógica conscientizadora que promova a capacitação, formação, conscientização e concretização da reforma pastoral proposta. Para tanto, cerca-se tanto dos espaços formais para a educação na Igreja Metodista, como dos não formais que podem ser providenciados.

Para a nova proposta de práxis pastoral implica ter uma liturgia cristocêntrica e koinônica atenta aos elementos tradicionais; aberta à espiritualidade que se desenvolve no meio do povo, respeitando sua diversidade, religiosidade e cultura; e que dialogue com outros referenciais eclesiais cristãos.

O mesmo povo que celebra é convidado e se envolver nos dramas da sociedade em que estiver imerso. A nova práxis exige uma evangelização libertadora

que demarque a presença da Igreja Metodista de forma significativa e transformadora na cidade do Rio de Janeiro de maneira articulada, sistemática e consistente.

Finalmente, considerando a diversidade religiosa e eclesial existente no contexto urbano carioca, a nova práxis pastoral do metodismo carioca agencia uma abertura para o diálogo, envolvimento, celebração e ação ecumênica. Significa resgatar o princípio vocacional e fundante para a eclesiologia e tradição wesleyanas a ecumenicidade da Igreja e sua missão em prol da unidade cristã.

Destarte, a consolidação da nova práxis pretende guiar a Igreja Metodista na cidade do Rio de Janeiro à atuação libertadora pastoral atenta aos clamores que ecoam em seus rincões.